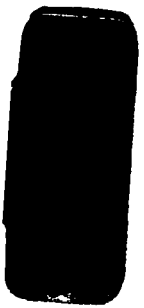
Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF WISCONSIN



Digitized by Google

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF WISCONSIN

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF WISCONSIN

LYRA BRASILEIRA

REPERTORIO DE MODINHAS POPULARES

Editores

QUARESMA & Cia.

Digitized by Google
Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF WISCONSIN

LYRA BRASILEIRA

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF WISCONSIN

CANCIONEIRO POPULAR DE MODINHAS BRASILEIRAS

O **Cancioneiro Popular** é um volume sabiamente organisado pelo Sr. **CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE**, distincto moço, conhecido poeta e prosador, excellente professor de linguas— nome que toda a gente conhece e tem applaudido.

O autor reuniu pacientemente as mais bellas poesias populares, que se prestam para o canto **(MODINHAS)**, emendou-as de modo que combinassem as palavras e a musica; indicou em cada uma a musica com que deve ser cantada. Desse modo o livro tornou-se admiravel e precioso.

Eis o indice:

A primavera é uma estação florida; Tenho saudades de Maura; Ao violão; Minha vida era um lago transparente; Qual fica doudo o macaco, si lhe offerecem banana; Minh'alma soluça, ninguem lhe responde; Vem cá, risonha morena; Entre o perfume das flores; Nas horas que passo comtigo na mente; Si foi crime te amar com loucura; Lundú infernal; A brisa corre de manso; Borboleta meus amores, mimoso insecto onde vais; Tanto amor puro, santo e sublime; O batuque, canção do africano; Perdão, Senhor meu Deus, minh'alma sente; Si não me amas; ó mulher, porque me prendes? O poeta e a fidalga, modinha muito conhecida com o titulo — *Desprézo*, contendo os oito versos (e não seis como por ahi anda, toda errada). Não és tu quem eu amo, não és; A loura trança; O' pallida Madona dos meus sonhos; Ao virar da esquina, eu vi em Lisboa; As ondas são anjos que dormem no mar; Os olhos azues; Sonhei comtigo, donzella; Tu me perguntas a historia daquelle triste ranchinho; Oh mulher, não sorrias que eu choro! Que valem flores; Vem vêr, Elisa, como surge a lua; Teu nome; Eu amo a calma que em teu rosto brilha; Talvez não creias que eu por ti sou louco; Chiquinha, si eu te pedisse, de modo que ninguem visse; Sempre te amando, desprezando a outras; Horas serenas desta quadra bella; Meiga filha de Deus, rosa d'aurora; Vendedora de amores; Que lindos matames na saia de neve; Os anjos bahianos; Passavas linda, como passa um anjo; Vamos, Eugenia, fugindo; Eu só te peço que te lembres, bella; *Là para as bandas do norte, no sertão da minha terra;* E's, Marilia, tão bella e formosa; Meus amores brasileiros; Sobre o mar de eterno amor; O bemtevi; O vagabundo; A creoula faceira; *Gosto de ti porque gosto;* Um caso eu vos conto, que, si bem me lembro, passou-se ha dois annos, no mez de novembro; Si muito te adoro; A mulata; O philosopho; Fui bilontra decidido; O céo recama-se de nuvens roridas — outra imitação do autor; A' terra um anjo baixou; Morena, escuta os meus cantos; São bagas de amargos prantos; Na hora em que se cobre; Que sorte, que sina, cruel é o meu fado; Ursulina, no céo, a lua desmaia; *O Perdão;* A rosa que ao nascer abre a corola; Linda flor, como és mimosa; Por que vejo nos teus olhos (do Sr. Bilhar); Eu vi-te sorrindo, voando na valsa; Não és tu quem eu amo, não és; e centenas de outras modinhas, cada qual mais linda, iguaes a estas ou talvez mesmo melhores.

Um grosso volume com mais de 200 paginas com riquissima capa 2$000

LIVRARIA DO POVO — Rua de S. José, 65 e 67

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

BIBLIOTHECA DA LIVRARIA DO POVO

Lyra Brasileira

REPERTORIO DE

MODINHAS POPULARES

Escriptas e colleccionadas

POR

Catullo da Paixão Cearense

AUCTOR DO «CANCIONEIRO POPULAR»

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DO POVO — QUARESMA & C. — **Livreiros-Editores**

65 e 67, RUA DE S. JOSÉ, 65 e 67

1908

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

General Library System
University of Wisconsin - Madison
728 State Street
Madison, WI 53706-1494
U.S.A.

Os editores QUARESMA & C., avisam ao publico que todos os livros editados por sua casa — *Livraria do Povo* — são de sua exclusiva propriedade litteraria.

Capital Federal, Julho de 1908.

Quaresma & C.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

mem
PQ
9697
C37
L8
1908
6142192

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

Autor da *Lyra Brasileira — Cancioneiro Popular — Chôros ao Violão* **e** *Lyra dos Salões.*

Digitized by Google
Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF WISCONSIN

Ao Abalisado Mestre

Ao Provecto Jornalista

Ao Eminente Critico

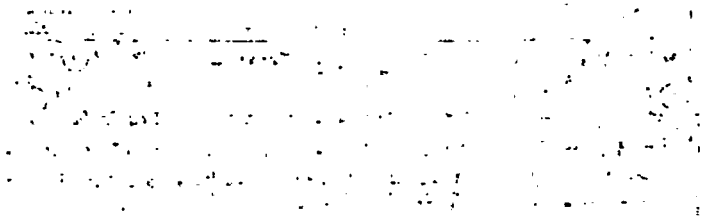
Ao Inspirado e Mavioso Poeta

Medeiros e Albuquerque

dedica

O Auctor

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN



Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF WISCONSIN

PALESTRANDO

De que pouquissimos se dêm ao trabalho de ler prefacios de livros desta natureza, estou sobejamente convencido. Mas, como sou teimoso e revel, não atirarei este ao mundo da publicidade, sem baptisal-o com algumas palavras, a esmo enfileiradas, sem a precisa coordenação. Ler-me-hão aquelles que, como eu, prezam e moralisam este divino inspirador dos musicos e poetas, o instrumento que mais comprehende o coração, e que mais melodicamente deixa coar-se as maguas de uma alma profundamente dolorida e grandemente apaixonada por tudo o que ha de sublime e bello. Para assimilar e interpretar os mais delicados melindres do amor, os mais reconditos segredos do eterno soffrimento, não conheço outro que o exceda. E é por esta razão que todo o instrumento mal tocado torna-se insupportavel e massador, ao passo que o dulcissimo violão, ainda mesmo dedilhado por um incipiente, agrada e enternece, porque as suas vibrações se enfiltram sorrateiramente no intimo da alma, acordando ahi um enxame de saudades, que volitam no florido jardim da imaginação.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

*
* *

Fechando os ouvidos a todos os seus pseudos adoradores, desprezando os dicterios, com que me presenteiam, irei seguindo o meu intuito, educando a esperança de ver um dia esse bello instrumento ter ingresso em todos os salões, sem respeitar categoria, intellectual ou material, quero dizer — pecuniaria.

Presumo eu que o motivo primordial da sua isolação de pária, é a falta de uma penna habilitada que o arrancasse do injusto esquecimento, provando que o seu contacto é inoffensivo e que uma modinha brasileira, magistralmente cantada, vale bem essa romaria de cançonetas francezas, hespanholas e italianas, mais estimadas, porque não são nossas, porque é objecto de importação.

As nossas modinhas vão, dia a dia, deslisando no abysmo das incorrecções, vão recebendo as camartelladas desses senhores que, não fazendo o minimo caso da poesia, das lettras ou das palavras, só apreciam a musica com que são cantadas, ignorando que adoram assim um corpo sem alma, porque a poesia é a alma da musica.

Conheço varios moços intelligentes e que dispõem de conhecimentos preliminares, que seguem a rotina dos analphabetos e vão cantando essas frioleiras sem pé nem cabeça, que não resistem á mais complacente critica grammatical. Quando lhes chamo a attenção sobre o acervo de tolices, respondem-me logo abruptamente, que já sabem que eu sou o unico que tenho modinhas correctas, que só eu canto bem, que só eu sou impeccavel na correcção do verso e no sentimento do canto. Obrigado a todos que assim me julgam.

Não me tenho, porém, nesta conta, e nem poderia considerar-me assim, conhecendo a pleiade brilhante dos bons tocadores

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

desse canoro e harmonioso psalterio dos trovadores. Citarei alguns, prevenindo ao leitor que os vou nomear pelo appellido com que são mais conhecidos entre a boa rapaziada, mesmo porque, sendo amigo e camarada da quasi totalidade delles, ignoro-lhes o nome verdadeiro.

Ahi temos Quincas Laranjeira, o solista aprimorado, que se consagra de corpo e alma aos estudos theoricos, executando nitidamente alguns trechos de operas. Considero o violão como o acompanhador dolente das modinhas e lundús, não o apreciando muito quando invade o imperio de outros instrumentos, executando pedaços de musicas classicas e operas inteiras, rarissimas vezes. Quem me tirar o violão do *choro* de um acompanhamento dengoso, com todos os seus accordes gementes e seus harpejos divinaes, o que me espedaça gostosamente as mais intimas fibras do coração, não terá a seu lado um apreciador devotado e até fanatico. O acompanhamento com todas as harmonias, com todos os concentos arrebatadores, é muito mais difficil, em minha humilde opinião, do que um solo de rapida execução. Eis porque o meu velho amigo e companheiro de longos annos, Quincas, não é para mim um semi-deus.

Se elle quizesse abandonar o solo e dedicar-se tão sómente ao acompanhamento, seria, incontestavelmente, o nosso primeiro violão. Já o conheço ha mais de quatorze annos, e não é de hoje que lhe canto esta *ladainha*. Vamos agora aos acompanhadores *chorões*, capazes de emocionarem os mais refractarios á musica, os mais gelados corações.

Não quero referir-me a elles, sem falar de um excellente e soberbo solista, a quem perdôo o crime, por abraçar fervorosamente o repertorio das polkas e walsas brasileiras, principalmente o que se diz — *chôro*.

É o Manduca Catumby. Sem contestação sola bem, comquanto seja fraco acompanhador.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Não o melindro com isso, porque sabe elle que o aprecio.

O meu antigo amigo e companheiro Satyro Bilhar é um primor na sua escola, creada por si mesmo, carregando atraz de seu mavioso violão um bando de satellites impertinentes, que não o pódem imitar nem de longe. Chico Borges, outro velho camarada, é o grande acompanhador da flauta e, sem duvida, um dos primeiros. E' digno rival do Neco, que nada lhe fica devendo, quando geme ao lado de uma queixosa e soberba flauta ou de um cavaquinho do quilate de Galdino ou Mario, dous terriveis que se pódem bater, comquanto seja verdade confessar que o Galdino é mais antigo e, por isso, mais conhecedor desse instrumento que só póde ser ouvido quando tocado por um dos dous. Continuando nos violões:

Chico Albuquerque, o *pinho* respeitavel, dos tempos aureos de Callado e Viriato, hoje affastado do *terno*, mas não esquecido dos *calladianos* accordes. Medeiros, discipulo de Bilhar, que não compromette o mestre. Se tivesse methodo e escola, com o que sabe, podia, sem grandes receios, enfrentar com o seu antigo professor. Benigno, acompanhador firme, que não vacilla e não teme o cantante. Ventura, uma *lyra* opulenta de boas harmonias, mas um tanto exagerada por vezes. Com a longa pratica que tem, seria um extraordinario acompanhador, se soubesse commedir-se um pouco.

Velloso, que ha mais de 12 annos não vejo, era um violão severo e considerado. Hoje deve tocar o decuplo do que tocava. José Velho da Silva, intelligente professor publico, soberbissimo *pinho*. Antonico, seu digno irmão, professor de subido merito, solidos conhecimentos e bello talento, é um violão theorico e certo, além de ser conhecido pianista e musico intelligente.

Taffi, o autor da inspirada musica do *Bem te vi*, do illustre

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

poeta Dr. Mello Moraes Filho, é tambem um bom violão, possuindo um repertorio de doces e ternas harmonias. Temos um Abilio, que conhece profundamente o instrumento e é um magico acompanhador. Cypriano, de Nictheroy, é seguro e não faz feio. Horacio Teberg, que não deve ter inveja desses todos, acompanha perfeitamente o que canta, e não receia acompanhar o cantor mais exigente. Dos extinctos temos: João Joca, de quem, para duradoura recordação, ficaram diversas musicas, que ainda hoje nos deliciam. Não gostava de ouvil-o cantar, mas confesso que o admirava nas suas inspirações, lamentando que elle não conhecesse musica, porque só assim nos deixaria scintillantes composições, que não seriam olvidadas pela inveja vilissima dos que não têm o seu talento.

Aarão era tambem consciencioso e sabia o que fazia. Era optimo acompanhador.

Agora dos que vivem, e que não se applicam ao violão, como os outros, mas que ainda assim nos pódem deliciar, temos: Alvaro Nunes, intelligente artista; Raul, Dinart França, Eugenio e outros, dos quaes me é impossivel lembrar agora. Já não me referi ao distincto e provecto maestro Patola, irmão do nosso genial Henrique de Mesquita, porque ainda não tive a felicidade de ouvil-o tocar. Os que já tiveram essa ventura, dizem que é elle um verdadeiro prodigio, uma maravilha, quando empunha, victorioso, o hexacorde mais brasileiro de todos os nossos instrumentos — o violão.

Entre excellentes cantores, citarei: Juca Fortes, funccionario publico e distincto chefe de familia; Horacio Teberg, *chorão* melodioso; o Sr. Nogueira, negociante; Tinoco, que em éras mais propicias foi um rouxinol; Lima, voz possante e harmoniosa; Alvaro Nunes, que a todos agrada; Frederico Junior, melodioso e terno; Taffi, de quem acima já fallei; Geraldo de Magalhães, que não sabe avaliar a voz com que foi dotado; João dos Santos, bello

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

talento, voz debil, mas vivida e cheia de sentimento; Fructuoso, um pouco derribado pelos invernos, mas que rejuvenesce quando suspira uma modinha em saudoso menor; Carlos de Menezes, lamentoso e terno e, por fim, o Breyner, a corporificação do sentimento, a cotovia a desprender o canto matinal, saudando a primavera. Deixo de referir-me a mais alguns por mero esquecimento, pedindo perdão a todo aquelle que se offender com o ter feito menção de seu nome neste prefacio desconjuntado. Quero apenas provar que os amadores do violão são, na sua maioria, pessoas que merecem o maior conceito, não devendo elle ser julgado por meia duzia de maltrapilhos cabulosos que o villipendiam. Aos que me censuram por ter tirado o sentido das modinhas que tenho corrigido, quizera perguntar: e que sentido tinham ellas?

E' poesia ou verso uma quadra que tem no primeiro verso (linha) cinco syllabas, no segundo sete, no terceiro tres e no quarto dez?

E não vistes desrespeitados os mais comesinhos preceitos da grammatica?

E depois: não perdestes excellente occasião de ficar calados? Não seria melhor que, embuçados na vossa ignorancia, fosseis acceitando as correcções que faço, pois que vos fallecem as habilitações para poderdes critical-as?

Antes de vir á publicidade o meu *Cancioneiro Popular*, não tive a satisfação de ouvir a seguinte modinha senão da maneira que ides ver:

O céo reclama-se
de nuvens horridas
formando floridas
grato arrebol
Ergue-se esplendido

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

das magas cerulas
beijando as perolas
da flor do sol.

Vamos dissecar esta concatenação de asneiras. Compréhendestes o tal — *reclama-se?* Não está bonito o — *horridas*, rimando com *floridas?* Quem beija a flôr do sol? Que é flôr do sol nesta vida? Como podeis conciliar estas duas idéas: — O céo coberto de nuvens negras, ao mesmo tempo — *floridas* e, por cumulo, formando grato arrebol? Pois bem: lêde esta agora:

O céo recama-se
de nuvens roridas,
formando floridas,
grato arrebol!
Ergue-se esplendido
das plagas cerulas,
beijando as perolas
da flor — o sol.

Não presta! Não tem competencia! Que diabo quer dizer roridas? Isto é palavra? Que é recama-se, que é plaga? A outra está muito melhor — Direis vós.

Os que me lêm, porém, far-me-hão justiça, avaliando quanto custa corrigir versos de modinhas, cujos auctores ninguem mais conhece e que de ha muito já dormem o somno tumular, versos que correm meio mundo, esphacelando-se dia á dia. É mister ser muito conhecedor dessas cousas, como eu, conhecer todo esse infinito repertorio popular, para com os humildes recursos intellectuaes de que disponho, dar com o fio de Ariadne. É preciso ser uma especie de Cuvier. E cumpre não proseguir, porque o leitor intelligente já me comprehendeu. Ha pouco estive em uma sala,

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

onde ouvi um cidadão repimpado e entumecido de farofa pedantesca, cantar uma modinha, que por ahi anda em voga, a qual está incluida nesta nova collecção, modinha cujos versos têm um pedaço dos mais populares do *Guarany*. O figurão dizia assim:

Eu vi-te hontem sentada na *casinha*...

E basta! Se fosse adeante, o leitor teria um vágado. Exemplos como este poderia apresentar em numero tão avultado que encheriam um volume inteiro. E Deus queira que o amigo leitor não tenha occasião de ouvir esses disparates, como eu, infelizmente, tenho ouvido.

* * *

Por fatal esquecimento, deixei de referir-me a dous esplendidos tocadores — Conceição e Pedro Gama.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

A Flauta

(AO EXIMIO FLAUTISTA FELISBERTO MARQUES)

Nas horas mais tristes da noite, se ás vezes,
antigos recordos me vêm despertar,
Só tu, minha flauta, nas notas que gemes
as dores do peito me pódes calar.

Que sons maviosos meus labios te imprimem,
que fundos suspiros, ó flauta fiel !
Parece o soluço da fonte que chora,
n'um leito de flores e aguas de mél !

Tu chóras, tu gemes com tal sentimento,
meu pranto te orvalha de tal suavidade,
que os threnos que expiras me exhumam do peito
mil sonhos sepultos n'um mar de saudade !

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Deixei-te nas ribas do mar sussurrante,
e as dores profundas ouviste do mar!...
Que ás vezes imitas o brando murmurio
das ondas nitentes na areia a rolar.

Deixei-te pendente de um tronco despido,
da noite ao relento, de orvalho banhada,
por isso repete-me os hymnos das brisas,
que passam fagueiras, saudando a alvorada!

Dormiste nas margens da fonte gemente,
da fonte aprendeste queixumes e maguas,
por isso s'á noite descantas saudosa.
repetes as tristes plagencias das aguas!

Tu já repousaste no calvo penedo,
por noite trevosa, de horrenda procella,
e as pragas infrenes do vento aprendeste,
segredos que á noite, bramindo revela.

Nos galhos deixei-te de murcho cypreste,
libando os frescores das auras suaves,
e os tristes colloquios que aos mortos ouviste,
traduzes, ó flauta, nas notas mais graves.

Por entre os odores das rosas agrestes,
na relva florida deixei-te ficar,
e ouviste das flores os ternos idyllios,
em noite silente de branco luar!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

São horas!... Modula seus flebeis suspiros,
que tu recolheste no ultimo adeus!
São ellas as notas que gemes á noite,
mal collo os meus labios saudosos nos teus!

Bebeste essa lagrima santa, cahida
dos olhos cerrados, quando ella morria!...
Orvalha-me os labios, de dor resequidos,
Converte essa lagrima em doce harmonia...

Não me lembro agora

Em linda aurora, n'um jardim florente,
trajando vestes de funerea dor,
entrei convulso e com aspecto ardente...
Vi entre as flores matutina flor!
Era uma virgem divinal, singela,
harpa do dia a descantar sonora,
rosa celeste, matutina estrella,
cujos encantos não me lembro agora.

Eu que, arroubado, contemplei a virgem,
eu que, em delirios, lhe adorei a cor,
como tomado de febril vertigem,
pedi-lhe um beijo, suppliquei-lhe amor!

Esta lindissima poesia, de um primoroso poeta bahiano, deve ser cantada em tom de recitativo. O seu logar não era aqui. Como, porém, segue-se-lhe a resposta, que é composição minha, achei mais conveniente, fazendo esta declaração, collocal-a aqui. A resposta é feita com os mesmos consoantes.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Pedi-lhe em prantos que abrandasse a chamma,
que esta existencia sem cessar devóra,
contei-lhe o affecto por que est'alma clama,
se mais contei-lhe, não me lembro agora.

Logo que ouviu a confissão descrente,
que eu, deshumano, proferi então,
suor de gelo sepulcral, sómente,
eu vi das faces lhe cair p'ra o chão!
Depois, córando, perguntou-me: Louco,
não vês que a insultos a donzella córa?
Lembras-te bem do que disseste ha pouco?
« Do que eu te disse não me lembro agora. »

A voz sentida suffocou-lhe o pranto,
entre soluços me falou por fim:
Quem és, que a vida me torturas tanto?
Eu, friamente, respondi-lhe assim:
O meu passado, de tristonhas cores,
oh!... foi terrivel, de nublada aurora!
O meu futuro se resume em dores...
Quem sou, meu anjo, não me lembro agora.

Quem sou, não digo, que sorrira o mundo,
quem sou que o julgue o tribunal do céo!
Que importa ao sec'lo meu viver profundo,
que importa ao mundo meu viver de réo?
Já fui cypreste de uma lagem fria,
já fui escolho procelloso outr'ora!
Se inda me aqueço no calor da orgia,
Se della fujo, não me lembro agora.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Mas, oh! quem sou, eu te direi... Escuta:
Já viste em matta a carniceira féra,
olhos em chamma, enraivecida, astuta,
como ao incauto viajor espera?
E, logo, ao vel-o, lhe travando o seio,
rasga-o de prompto e o coração devóra?
Mas, ah!... Não digo! O meu passado é feio...
Dizel-o é crime, não me lembro agora...

A flor pendida que murchou no galho,
revive logo com amor e fé,
se lhe dá vida matutino orvalho!
Eil-a que bella já se ostenta em pé!
Quem nos alcouces polluir a vida,
o seu passado deploravel chora!...
Purifiquei-me! E tenho a fronte erguida,
do mais, ó virgem, não me lembro agora...

.....
.....
.....
.....

Mas se, donzella, perguntar-te alguem
com quem falaste ao despontar da aurora,
eis a resposta que te fica bem:
Não sei! confesso!... Não me lembro agora...

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Bem[me lembro agora

(RESPOSTA Á POESIA — NÃO ME LEMBRO AGORA)

Foi, bem me lembro, n'um jardim florente,
trajava vestes de recente dor,
tu me juraste uma paixão ardente,
tu me chamaste de celeste flor!
Attenta, ouvia a confissão singela,
que a tua lyra suspirou sonora!
Nos ceos morria a matutina estrella...
E o que juraste... Bem me lembro agora!

Eu, que de amores tinha o peito virgem,
ouvindo historias de tão negra cor,
não fui vencida de fatal vertigem,
mas desde logo consagrei-te amor!
Tu me disseste que estuante chamma,
crestando o peito, teu viver devora!
Pois bem: o affecto por que o peito clama,
em mim te juro que encontraste agora!

Se de amor puro não estás descrente,
pódes amar-me com fervor então!
Serei só tua!... te amarei sómente,
mesmo debaixo do gelado chão!
Chorando, é certo, te chamei de louco!
Pois tu bem sabes que a innocencia córa!
Repete, eu peço, o que disseste ha pouco,
que eu direi sempre o que te digo agora.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Se tens chorado, pódes bem teu pranto
n'um seio virgem estancar por fim!
Tu, que na terra tens soffrido tanto,
serás ditoso n'um viver assim!
Se o teu futuro de funereas cores...
se a tua infancia foi nublada aurora,
desfaze a noite que te cerca em dores...
E' sol um beijo!... Vem m'o dar agora!

. . . . . .

Que nos importa que murmure o mundo,
se é nosso affecto puro amor do céo?
Não quero ver-te no soffrer profundo...
Deus te absolve! Tu não és mais réo.
Correu-te a vida soluçante e fria,
nas dores fundas do viver d'outr'ora!
Como podias encontrar na orgia
a voz amiga que te fala agora?!

Nada me assusta!... meu amor, escuta:
se tu já foste a truculenta fera,
que no deserto, de alcatéa, astuta,
o pobre incauto, sitibunda, espera,
reclina a fronte neste amigo seio,
acalma a furia que, cruel, devóra,
verás da mente esse passado feio
n'um breve instante dissipar-se agora.

Se és a rosa que murchou no galho,
porque viveste sem amor, sem fé,
o meu affecto é rorejante orvalho,
e a flor pendida já revive em pé.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Nos lupanares quem macula a vida,
ou tarde ou cedo a sua culpa chóra!...
Purifiquei-te! Tens a fronte erguida!...
Feliz, contente viverás agora!

....
.....
.....
.....

Mas, ah! se um dia perguntar-te alguem
porque de novo resurgiste á aurora,
responde logo: se me queres bem,
não me recordes o passado agora!

Volta!

Porque partiste,
saudosa flor?
A vida é triste
sem teu amor.

Dias risonhos,
tudo eu perdi!
Foram-se os sonhos
atraz de ti!

Na soledade
do meu carpir
atroz saudade
me vem ferir...

Musica do romance italiano — *Torna.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Volta, que as flores
murchando estão,
e sangra em dores
meu coração!

Tudo tem vida,
se perto estás,
e tu, infida,
não voltas mais!

Eu vou, sem calma,
finar-me aqui!
Só quer minh'alma
voar p'ra ti.

Se um ai tu soltas
de magua e dor,
porque não voltas
ao trovador!?

Volta, que as flores
fanando estão
nos amargores
da solidão!

Tem pena, ó lua,
dos tristes ais!...
Na jura sua
fui crer de mais!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Lembrança amena !...
Fundo amargor !...
Tu não tens pena
da minha dor !

Doce bonança
já não sorri,
e a dor não cança
longe de ti...

Volta, que as flores
morrendo estão...
te invoca em dores
o coração !

A dor não ousa
te maldizer,
pois nem na louza
te hei de esquecer !

Sagrados cantos
eu te offertei,
e choro em prantos
porque te amei !

Não sei, confesso,
se mal te fiz,
que a Deus só peço
te ver feliz !

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Volta, que a lyra
nos cantos meus
sómente aspira
dizer-te adeus!

Quanto fui louco,
conheço agora,
que a dor devóra
meu coração!
Tu me mataste!
Tu me illudiste!...
Tu me trahiste
sem compaixão!

Agora é tarde...
Sempre hei de amar-te!...
Como olvidar-te
no meu soffrer?
Volta!... Um momento!...
Meu anjo amado!...
Quero a teu lado
feliz morrer!

Teimoso

Quero-te bem, porque quero,
porque te devo querer,
pois já nasci, te assevero,
para te amando morrer.

Musica do meu amigo Satyro Bilhar, a quem são dedicados estes versos.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Soffro por ti por vontade,
que eu morro se não soffrer!
O teu rigor e maldade
até me cauzam prazer.

Chóro por ti, porque chóro,
quem ama vive a penar,
por isso eu peço e te imploro
que tu me deixes chorar.

Amar a outra não quero,
porque a ti só quero bem!
Se o peito meu é sincero,
que mal me faz teu desdem?

Porque te adoro e venero,
tu me juraste odiar!
Que importa, se nada espero...
Se te amo só por te amar?

Eu creio em ti, porque creio,
porque não pódes mentir!
Quem vive n'um doce enleio,
se illude por illudir.

Morro por ti, porque morro,
pois inda morto hei de amar!
Eu não te peço soccorro,
porque meu gôsto é penar!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Mata-me logo, eu tolero,
que eu te direi a morrer:
quero-te bem, quero, quero,
quero, quero e hei de querer!

Saudades do passado

Que tristes momentos
me prostram, maguado,
se os dias relembro
do tempo passado!

Que doces lembranças
dos dias de outr'ora,
mais lindos, mais bellos
que os dias de agora!

Não venhas, saudade,
ferir o meu peito,
que o triste passado
jaz morto e desfeito!

Que lyras sonoras
nos ares vibrando!
As harpas saudosas
passavam cantando!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Tão triste lembrança
minh'alma desola!
Na pobre choupana
não geme a viola!

Dispersos se foram
meus roseos encantos!...
Não resta uma estrella
nas brumas dos prantos...

A linda morena,
serrana adorada,
morreu em meus braços
em noite estrellada!...

Ai!... quantas saudades
da minha serrana,
das noites de lua
na velha choupana!

O' brisa, que passas,
escuta a canção...
Carrega estas maguas
ao fundo sertão!

Morreu a Serrana
morreu-me a esperança!...
Eu chóro por ella
qual uma creança!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Das flores dos dias
de tão bella edade
ficou-me, entre espinhos,
a flor da saudade!

Desperta!

Vem vêr como a noite tão calma deslisa
por entre o silencio, que fala tambem!
Não ouves meu canto, que a dor sonorisa,
que eleva-se aos astros, sumindo-se além?

Acorda a natura, sorrindo, embalada
nas notas maguadas da minha canção,
e a lua que escuta, de dor contristada,
sorri-me entre estrellas da infinda amplidão.

Eu tenho uns segredos, que em trovas canóras
conversam com a lyra, de noite, ao luar,
segredos de amores, que as ondas sonóras
sepultam nos labios argenteos do mar.

Repara!... As estrellas de lucida chamma,
palpitam por ver-te, rasgando seus véos!...
A lua seus raios silente derrama...
Vem mesta descendo das plagas dos céos!

Desperta! Não vejo nos céos uma estrella,
que possa em meu seio seu lume verter!
Desperta, que a noite vae calma e tão bella,
que as dores se mudam n'um aureo prazer!!

Musica da modinha: — *As ondas são anjos que dormem no mar.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

O Passado

Ai !... que tempo ditoso — o passado,
de saudosa e perenne lembrança,
quando um sonho de crenças dourado
nos floresce no peito a esperança.

Esse tempo que a viva saudade
na minh'alma faz hoje nascer,
esse tempo da nossa amizade
já não póde, meu anjo, volver.

Eu trocara esta vida presente,
tão penada e tão cheia de dor,
por um dia daquelles sómente,
quando tu me falavas de amor.

Disso tudo o que mais resta agora,
a não ser o farpar da saudade,
que minh'alma calada devóra,
quando á mente recorda essa edade?

A musica é original e em menor.

Nunca mais

Nunca mais morena ingrata,
me ouvirás falar de amor!
Vou viver na soledade...
Já jurei por minha dor!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Foste falsa, perjuraste...
Como em outra posso crer ?!
Vou viver na soledade...
Não verás o meu soffrer.

Tu juravas sempre amar-me,
tu fingias ser tão pura,
que minh'alma embevecida
sempre creu em tua jura !
Foste falsa, perjuraste...
Vou viver na solidão !
Quero dar largas ás dores
deste pobre coração.

Vou curtir meus soffrimentos
bem distante do meu lar,
pois aqui não tenho espaço
para, livre, soluçar !
Como os teus, os mais amores
são voluveis, são mortaes !...
Não te quero mal por isso...
mas amar-te... nunca mais !

Lyra em punho

Lyra em punho, vou p'ra rua,
quando a lua
se mostra no céo mais bella,
e, n'um menor bem gostoso,
vou saudoso,
cantar á tua janella ! !...

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Tu perguntas onde eu vivo,
sempre esquivo,
durante o dia a scismar?
Manda a roupa que eu te fuja
de tão suja,
que até pódes vomitar!!

Não gosto muito dos dias...
Fugirias
de mim, que á noite só érro!...
Assim que visses os filhos
dos fundilhos,
tu gritarias — *O' ferro!*

A responder-te ónde móro,
não demoro,
porque não tenho agasalho!!
Nas ruas francas divago...
pois sou *vago*,
contrario a todo o trabalho.

Se tu promettes querer-me,
receber-me,
verás que este amor, de vez,
n'uma casorio emfim se ata,
ou desata
nas grades de algum xadrez!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Lyra em punho, em serenata,
bella ingrata,
Cantarei emquanto eu possa!...
Até teu pai, de amolado,
já cançado,
mandar metter-me uma coça.

A partida

Eu vou deixar-te, vou soffrer a vida
longe, ó querida, do sonhar traidor!
Ouvi meu fado de teu labio austero,
que mais espero de um cançado amor?

Deixa a minh'alma, que perdeu a crença,
na dor intensa de perdidos ais!
Deixa a minh'alma, que o chorar conforta,
já quasi morta por te amar demais.

Bardo inditoso, que o soffrer encobre,
mesquinho e pobre, que te posso eu dar?
Fundos desgostos entranhados n'alma
me dão a palma de infeliz te amar.

Nem mesmo um canto posso dar-te agora,
que a lyra chora por te ver partir!
E' morto, ingrata, meu affecto santo...
Nem mais um canto poderás me ouvir.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Adeus !... Eu parto para o meu calvario,
trilho o fadario, que me rouba a luz !
Para um soluço já não tenho alento !...
Meu pensamento vae levando a cruz !'

Meu nome apaga do teu labio infido,
deixa, perdido, procurar meu fim
Eterna ausencia vou fazer... Descança !...
Nem mais lembrança tu terás de mim.

Que são teus olhos?

Os teus olhos peregrinos
brilham mais que um resplendor,
luzem brandos, mas, ferinos,
são travessos como o Amor.
São dous astros vespertinos,
dous luzeiros de candor
esses olhos peregrinos,
scintillantes de fulgor !

São dous risos de ventura,
que bafeja o peito amante,
são das dores um calmante,
quando mais nos fere a dor !
Morta crença resuscitam,
sendo guia e sendo o norte
no descrer da negra sorte
do prostrado trovador.

Musica original.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Teu cabello fino e louro
meu pensar prende e captiva!
E' flagello em chaga viva
do que soffre por te amar!
Mas seus fios perfumados
são do Amor divinos dardos,
que na mente vão dos bardos
bellos cantos inspirar.

São teus labios odorosos
uma fonte de poesia,
onde o genio da harmonia
vem seus carmes solfejar!...
Doce voz saudosa e terna,
mais cadente e mais saudosa
do que a vaga marulhosa
sob os beijos do luar.

O Amor e o Desgosto

(Para ser recitado)

A' porta da formosa e fascinante Helena,
portento de belleza, em plena primavera,
Cupido vae bater em uma noite amena,
na hora em que o luar, a branquear a esphera,
nos mostra o manto azul do céo todo estrellado.

E, assim que elle transpoz esse recinto amado,
Helena, a suspirar, no peito seu presente
a chamma que despede o seu olhar fulgente,
olhar cheio de luz, de encanto e de paixão.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Satura toda a alcova num môrno e doce aroma,
que as almas mais reveis subjuga e fere e doma,
e faz captivo um fero, um petreo coração.

«Ha muito que por ti suspiro, ardo e padeço,
«ha muito que por ti pranteio, ó bella ingrata,
«e crê-me que este ardor fere e punge e mata,
«porque de ti jamais um'hora só me esqueço.»

Palavras taes o deus dizia commovido,
o peito a palpitar, o coração plangendo,
quando Helena, a tremer, chegando a seu ouvido,
lhe mostra um vulto além, de aspecto feio, horrendo

Traz lucto em seu olhar, terrifico, doroso!
Caminha a soluçar n'uns prantos suffocados!
Que aspecto que elle traz!!... Que vulto pavoroso,
tão cheio de amargor, tão cheio de cuidados!

Cupido, que inda ha pouco estava tão jocundo,
parece concentrar-se em meditar profundo.

O vulto erecto vem, á frente avança um passo,
aperta com calor a cupidinea mã),
e, chamando-lhe assim de amigo e caro irmão,
procurava unil-o ao peito em fraternal abraço!

Debalde o deus do Amor busca fugir do agrado
daquelle que, tenaz, o segue em toda a parte!
— Helena — diz então, adeus! eu vou deixar-te,
que é lei do fado meu... por elle sou forçado!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Esteja onde estiver, inexoravelmente,
o vulto que tu vês me segue fatalmente ! !

A todo o coração que eu captivar procuro,
protestando adoral-o eterna e firmemente,
eu me torno infiel, mas innocentemente,
pos isso é que se diz que eu sou vario e perjuro.

E, agora, um beijo mais '... Um beijo, e me perdôa ! !
Que culpa posso ter, a seu imperio exposto?
E nisto o deus do Amor as azas bate e vôa,
deixando em seu logar a sombra do Desgosto !

De Lachambeaudie.

Carta original

A

O' minha amiga sinhá,
Ora aqui, ora acolá,
eu vou andando por cá,
comendo mão vatapá,
arroz doce, mucunsá,
mas quem me dera estar lá
nos sertões do Ceará,
bebendo o meu aluá,
mais gostoso que o maná,
que Deus agora não dá !...
Irei viver no Pará,
se minha estrella, tão má,

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

não consentir mais que eu vá
p'ra onde meu bem está,
dormir á sombra do ingá...
Pois não sei como será !...
Já não dou para o fubá,
que o rigor do teu papá
minha vida findará,
se não te vir mais, yayá !

E

Sem crenças, perdida a fé,
descreio do mundo até !
Quantas saudades, olé,
da casinha de sapé !
A' sombra do grande ipé,
deitado, a tomar café,
na esteira de catolé
de tua morada ao pé,
a vida mais feliz é
Deu-me agora na maré,
de me entupir de rapé...
só de saudades .. bofé.
Já pareço um jacaré,
andando sempre pr a ré,
neste andar de pangaré ! !

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

I

Assim como o bom Pery
ficou louco por Cecy,
desde o dia em que te vi
naquellas terras... alli...
p'ra as bandas do Aracati,
onde então feliz vivi,
lá onde gosos frui,
logo o juizo perdi ! !...
Do logar em que nasci,
sem nada dizer, fugi,
chorando deixei-te ahi,
puz-me em viagem p'ra aqui,
onde tudo já soffri,
tão longe, meu bem, de ti !

O

Distante do meu Icó,
nesta choça de cipó,
gaiola de curió,
do esquecimento no pó,
mais gasto que gasto mó,
aturando a minha avó,
mais triste que um noitibó,
vou comendo pela enxó,
até desfazer-se o nó
desta vida de *bocó*,
mais mole que um pão de ló,
na miseria como Job,
tristinho, calado e só,
que até faz pena e faz dó ! !

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

U

O bolso despido e nú,
neste tempo ingrato e crú!
Já pareço um Kangurú,
dormindo sobre um bahú,
como infeliz urubú,
cada vez mais jurujú!...
No meio deste zungú,
murchando como um cajú,
além da enxó vendo angú,
tomate, giló, chuchú,
aos domingos carurú ..
Como eu passo vê lá tú!...
Adeus ... Recebe, ó Lulú,
saudades do teu

Bilú.

Quem te fez tão bella?

Quem te fez tão bella e pura,
fascinante de primores,
meiga estrella de candura,
resplendendo em céo de amores!?
São teus olhos tentadores
dous abysmos de poesia,
que me alenta, que me guia,
do viver por entre espinhos
triste pária nos caminhos
em que a dor só allumia!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Teu olhar tem mil encantos,
mas seu brilho rouba a calma!
Se essa luz tem lumes santos,
quero um raio dentro d'alma!
N'um sorriso eu vejo a palma
que merece quem te adóra,
quem, soffrendo, a vida enflóra
nos matizes da esperança,
que esse olhar jamais se cança
de accender n'alma que chora!

Teu sorrir é o riso ethereo
de uma estrella bonançosa!
São teus labios um psalterio
n'uma prece harmoniosa!
Vem, que a noite tenebrosa,
já mais densa e mais escura,
pede um raio de candura
desse olhar de virgindade,
—doce orvalho de piedade—
na aridez desta amargura.

Musica da modinha — *Porque vejo nos teus olhos um luzeiro de magia.*

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Pleonasmo e Cacophonia

(RECITATIVO)

Consente agora que te fale um pouco
de um tempo louco, em que a soffrer vivi,
pois esses dias reviver quizera,
na primavera de outro amor por ti.

Hoje, que os annos meu sonhar trahiram,
e me despiram de illuzões de outr'cra,
posso dizer-te o que em teus olhos via,
quando eu sentia o que não sinto agora.

Parvo, feioso, pobretão... em summa,
sem cousa alguma que pudesse, emfim,
fazer teu peito borbulhar de amores
e alguns doutores desprezar por mim!

Era estudante, e, como tal jocoso,
mas cabuloso por querer te amar!...
E quanto á roupa... nem falar devemos!...
silenciemos... que é melhor calar.

Eu te escrevia e, minhas phrazes lendo,
ia as rompendo por achal-as fartas
de mil sandices... discurseira horrivel...
Era impossivel te agradar por cartas.

Saquei da penna e, muita vez, em prantos,
tecia uns cantos de um amor perdido:
lá vinham flores e perfumes d'aura...
Teu nome, ó Laura, era um penhor mentido

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Graphava os versos em papel dourado,
magro punhado de vintens que tinha,
mas lá ficava a producção diffusa,
pois nunca a musa em meu soccorro vinha!!

Queria ás vezes conversar comtigo,
e em teu postigo me encontrava frio!
Ia jurar-te infindo amor... mas logo
perdia o fogo!... era meu pranto um rio!

Voltava *murcho*, cabisbaixo e triste,
porque sorriste de me ver garboso,
de botas tortas, com feroz dentuça,
casaca russa e paletot seboso!

Nos meus exames era certa a bomba,
que a sorte zomba de quem firme espera!
Que me importava esse latim cançado,
se um teu olhado eu declinar quizera?!

Analysava nos teus olhos bellos
tantos anhelos desse doce olhar!
Era o sujeito da oração, tu, verbo,
penoso, acerbo para conjugar!

Além de tudo o complemento occulto
era esse vulto de teu pai sem dó,
e a principal proposição—teu cobre—
pois era pobre e muito mais que Job.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Sempre temendo um meu rival decente,
que era a incidente que eu temia então,
levei a tunda que me poz sensivel...
Choque terrivel de uma collisão!

Mas isso tudo já passou, querida!
Cousas da vida, e como tal... passou;
porém de toda essa intrincada historia
cá na memoria um dicto teu ficou.

Foi n'uma noite de luar sereno...
Teu rosto ameno pude emfim fitar!
Disse baixinho que por ti penava,
e louco estava por te ouvir falar!

Tu, motejando, me jogaste o dicto,
fui teu palito no mordaz sarcasmo!
Tu perguntaste se eu não me enxergava,
pois não passava de infeliz pleonasmo!...

Mas, olha: agora se me amar tentasses,
e consultasses se te amar podia,
rindo eu dissera:—pois que tudo foge,
p'ra mim és hoje uma cacophonia...

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Só assim serei feliz

Já não me queres bem, eu vejo a todo instante,
porque, não sei dizer, não sei por que razão!
Já não me tens amor, mas eu te sou constante...
Não posso mais domar esta voraz paixão.

Ai, se eu pudesse,
serias minha até morrer!
Muito padece
meu coração por te querer!

Não negues ao captivo
trovador
um terno olhar furtivo,
minha flor!
Eu de saudades vivo,
meu amor!...
Minha dor
te bemdiz!!
Decide a minha sorte!...
Dá-me a morte,
pois só assim serei feliz!

Tu nem te lembras mais desse sonhar fagueiro,
do tempo mais feliz de nosso alegre amor!
Já te esqueceste então desse passado inteiro,
que recordar-me vens nos dias de amargor?

Musica da modinha — *Profundo dissabor me devora a vida* — do fallecido João-jóca.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Ai, se eu pudesse,
serias minha até morrer!
Soffre e padece
meu coração por te querer.

Não negues ao captivo
trovador
um meigo olhar furtivo,
minha flor!
Eu sem te ver não vivo,
meu amor!
Que dulçor
nesse olhar!
Decide a minha sorte,
dá-me a morte,
pois eu não quero mais penar!

Teu coração foi meu, já foi só meu outr'ora,
delicias mil gosei, prazeres mil senti,
por isso vens me dar a recompensa agora...
Maldito aquelle dia em que fui crer em ti.

Quanto padece
meu illudido coração!
Triste fenece
na dor da tua ingratidão!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Tu negas ao captivo
trovador
um teu olhar furtivo,
linda flor!
Só de chorar eu vivo,
meu amor!
Minha dor
te bemdiz!
Quero morrer sonhando,
me enganando,
que só assim serei feliz!!

Não sei quem te merece os divinaes amores,
mas, mesmo sem saber, o faça Deus feliz!
Não soffra o que soffri, não sinta os dissabores,
que, emfim, te queira tanto assim como eu te quiz!

Ai, se eu pudesse,
serias minha até morrer!
geme e padece
meu coração por te querer.

E morra o teu captivo
trovador,
soffra sem lenitivo,
sem amor!
Morto, sem ti não vivo...
minha flor!!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Que amargor!
Que afflicção!
Pois que tu me illudiste,
me trahiste,
irei penar na solidão!

O Demonio moreno

Ella é morena e trigueira,
cheirosa como uma flor!
Eu dera-lhe a vida inteira
por um minuto de amor.

Eu amo o collo moreno,
donoso,
seu pé gentil e pequeno,
dengoso,
aquelle olhar tão sereno,
mas sempre malicioso!

Quando ella sáe a passeio,
com seu vestido de chita,
eu gosto de ver-lhe o seio
como se alteia e se agita.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Naquelle seio adorado,
querido,
naquelle mar perfumado,
crescido,
quizera ver-me embalado,
sonhando um sonho florido!

Assim, confesso, tão bella,
aqui na terra não ha!
Eu ando louco por ella,
que nem sei como será!

Quizera um beijo bem quente
depor
naquelle labio fremente
de amor,
morrendo nelle contente,
crestado no seu calor!

Quando ella canta, que canto!
As nossas maguas aviva!
Um canto assim dá quebranto!...
Seduz e prende e captiva.

Não queiras vel-a, acredita,
vê lá!
mulata assim tão bonita
não ha!
Coitada dest'alma afflicta,
que louca por ella está.

Musica do lundù — Sou pobre, mas sou ditoso, meu Deus, ao lado de minha Rosa, cercado dos filhos meus.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

No samba

ELLE

Vem cá, meu anjo,
creoula ingrata,
que o teu requebro
me prende e mata!

ELLA

Não vou, não vou,
deixe dançar,
e não me amolle
com seu falar.

ELLE

Não dança, ó bella,
que esse *quebrado*
faz qualquer homem
por ti babado.

ELLA

Não páro agora,
commigo mangas,
vá lá p'ra fóra,
chorar pitangas.

Musica do lundú — Seu Manduca da Pedreira, que é de Xixi?

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

ELLE

Tu és a rosa
fresca, orvalhada,
tu és a estrella
da madrugada!

ELLA

Tu não me *engrossas*
com tuas petas...
No céo não luzem
estrellas pretas...

ELLE

E's mais ainda
do que uma estrella:
és uma santa
formosa e bella!

ELLA

De santo preto,
sem ser bonito,
conheço apenas
São Benedicto.

ELLE

Pois olha escuta:
quero falar-te,
tenho uma cousa
para offertar-te...

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

ELLA

Franquezas dessas
me causam medo!
P'ra dar-se um mimo
tanto segredo!!

ELLE

Antes não visse,
meu Deus, tal fado!
Ai, triste vida
do apaixonado!...

ELLA

Pois se console,
meu caro amigo!
Quer por ventura,
casar commigo?

ELLE

Ai, não, creoula,
não sou tão louco...
Só se tu fosses
mais alva um pouco.

ELLA

Tambem declaro,
já que é tão franco,
que eu não desejo
casar com branco.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

ELLE

Pois nestes casos,
creoula amiga,
póde ir sahindo
já de barriga.

ELLA

Ora, meu branco,
deixe eu dançar
que eu não sou bella
para *engrossar*.

O Jardineiro

Eu vivo em meio das flores,
sou jardineiro, donzellas!
São ellas os meus amores...
Os meus amores são ellas.

Eu amo o cravo oloroso,
amo a rosa purpurina,
adóro o jasmim cheiroso...
namoro a rubra cravina.

O' meu fiel companheiro,
meu querido regador,
ó meu amigo primeiro,
tu és tambem uma flor!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Emquanto regas as flores
deste adoravel jardim,
eu rego a flor dos amores,
que tenho dentro de mim !

E' flor que n'alma cultivo,
com tanto esmero e trabalho,
que vive emquanto eu fôr vivo,
que com meus prantos orvalho.

E' flor que n'alma se encerra,
que tu, meu anjô, has de ver
brotar um dia da terra
em que p'ra sempre eu jazer.

A casaca maravilhosa

AO MEU BOM AMIGO A...

Esta casaca que eu trago
ha tanto em cima de mim,
foi feita na eternidade !...
Creou-se, mas não tem fim.

Cada dia que se escôa,
roubando a existencia nossa,
esta casaca encantada
mais se repimpa e remoça !

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Dia a dia esta cabeça
vae aos poucos alvejando,
emquanto a linda tetéa
nos bailes, sorte vae dando.

Nos porres que tomo ás vezes
nessas noites de alegria,
esta casaca tem sido
meu conductor e meu guia.

Se chego á casa doente,
ou antes meio *chumbado*,
não é preciso que a tire...
sae, logo que estou deitado.

Vae pendurar-se ao cabide,
por si propria, sem ninguem!
Pois dizei: não é motivo,
para querer-lhe tão bem?

Um sabio naturalista,
que em si mysterios encerra,
já disse que esta casaca
não era obra da terra.

Examinando-a n'um dia,
nos varios arcanos seus,
affirmou que ella foi feita
por alfaiate de Deus!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Pois revendo a contextura
deste bello talisman,
calculou seu nascimento
antes da era christan!

Segundo diz Dangremont,
grande sabio em velharias
pertenceu esta casaca
ao propheta Jeremias.

Vivendo mil gerações,
teve, a correr mundo inteiro,
vinte mil milhões de dons,
sem contar um feiticeiro.

Foi este velho botanico,
forte porrista tambem,
quem lhe ensinou os segredos
que eu não revelo a ninguem.

Sol e chuva nem se fala...
tem apanhado a fartar!...
Prediz melhor que o thermometro,
quando o tempo vae mudar.

Não traz ás vezes botões,
porque já li n'um tratado
que é bem prudente arrancal-os
por causa de máo olhado!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Nos mundos civilisados,
que não no Brasil rhetorico,
esta casaca macrobia
teria um valor historico.

Os sabios da culta Europa,
conhecendo tal thezouro,
travaram lucta renhida
por compral-a a pezo d'ouro!

.....
.....
.....
.....

Ha muitos annos é certo,
que eu ando desconfiando
que ella soffre de marasmo,
por ir demais encurtando.

Ah! Não! Nem mesmo por sonhos
te deixarei isolada!...
Tu viverás nestas costas,
eternamente agarrada!

Eu só te deixo de noite,
quando busco repousar,
mas não sem ver de meus olhos
uma lagrima rolar!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Eu te conservo, ó casaca,
por prazer e por vontade
até mesmo em certos actos
de urgente necessidade...

Tu és eterna, acredito!...
porém o meu parecer
é que tambem de desgosto,
tu morras, quando eu morrer.

O Boiadeiro

A noite chega a seu termo,
a aurora vejo apontar,
adeus, sertão, bello ermo,
que eu vou de ti me ausentar.

Levanta, mulher, levanta,
vem despedir-te do esposo,
pois no poleiro já canta
o gallo triste e saudoso.

Escuta, mulher querida,
esposa minha adorada,
ao longe, grave e sentida,
gemer em côro a boiada.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Não creias, mulher, que eu minta!...
E' justo, é bem natural
que a pobre rez tambem sinta
deixar a terra natal.

A rez de uma alma é dotada...
Tem de prever o condão,
por isso está desolada,
não quer sair do sertão.

Vamos, vamos... Rompe a aurora,
vou me affastar de teu lado!
Vem ver o gado que chóra...
vem despedir-te do gado.

Mulher, preciso de calma...
Vou deixar este sertão!
Carrego a dor dentro d'alma,
mas tenho ao labio a canção!

Crear com tantos desvellos,
e ver, ó mulher, depois
morrer os bois nos cutelos!
Coitados dos pobres bois!!

E tu, mimosa açucena,
flor cheirosa desta serra,
bem sabes com quanta pena
eu vou partir desta terra.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Mas voltarei muito breve...
Muito breve hei de voltar!
Tristezas!? Que o vento as leve...
Não quero ver-te chorar.

Mulher, se o fado cruento
deixar-me lá p'ra onde vou...
Senhor Deus!... Que pensamento!...
Gado meu! Echô! Elou!...

Não te esqueças de mim, que te amo tanto

Quando á noite, ao luar, saudoso e lento,
escutares um mesto e flebil canto,
volve a mente ao passado venturoso,
não te esqueças de mim, que te amo tanto!

Quando a tarde morrer e a noite escura
distender pela terra o tetro manto,
quando as preces gemerem nos teus labios,
não me esqueças, por Deus, que te amo tanto!

Quando ouvires a voz d'uma harpa angelica
derramar no silencio um triste pranto,
lembra as ternas canções que me escutaste...
Não me esqueças, oh, não, que te amo tanto!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Se uma farpa da dor ferir tua alma,
perolando-te a face alfojar santo,
eu comtigo estarei!....oh! morto embora,
não te esqueças de mim, que te amo tanto!!

A tua saia

Como tu ficas dengosa,
como tu ficas catita,
quando tu saes no domingo
com tua saia de chita.

Eu gosto tanto, ó florsinha,
da tua saia amarella,
que o mais custoso vestido
não trocaria por ella.

Se eu me casasse comtigo,
quizera ver-te garrida
no dia do casamento
com tua saia vestida!

Ai, se eu pudesse, Chiquinha,
não mais tirava, acredita,
meus pobres olhos de cima
de tua saia de chita!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Quando eu morrer, ó beminho,
tal como está, bem singela, -
quizera cobrir meu corpo
com tua saia amarella.

Como eu gosto

Eu amo certa mulata,
mimosa como uma flor,
eu amo-a por ser ingrata,
e me tratar com furor.

Jamais a vi com brandura,
mas sempre braba e damnada,
pois não me agrada a ternura,
e a mansidão não me agrada.

Ferrenha brutalidade
reina entre nós fatalmente:
nem ella faz-me a vontade,
nem eu a ella egualmente.

Já costumei-me com isso,
que nunca ás brigas me escapo:
pois, ao chegar do serviço,
entramos logo em sopapo.

A musica do lundú — Qual fica doudo o macaco, se lhe offerecem banana.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Por mais que chegue cançado,
me xinga sempre de lôntra,
e neste pobre costado
vae atirando o que encontra.

Ha cinco dias sómente,
eu vim achal-a com a têlha,
e, n'uma lucta de dente,
saquei-lhe fóra uma orelha.

Vendo-a disposta pr'a briga,
não quiz fazer-me de pêco,
e dei-lhe um pé na barriga
que foi ver o *china* sêcco.

Ao vir o dia apontando,
pr'a não fazer-me de mouco,
me vae do somno acordando
a murros, trancos e sôco.

Não é mulher de chalaça,
nem gosta de quem lhe ria!
E, quando está na cachaça,
fica peior que uma harpia.

Hontem bebi que a leôa,
me vendo em miseró estado,
deu-me uma sova tão bôa,
que poz-me o dia prostrado!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Livre-me Deus de a brandura
um dia ver no seu rosto!
Perlida estava a ventura!
Morria até de desgosto!

Mas não penseis, ó senhores,
que não nos queremos bem;
por ella eu morro de amores,
e ella por mim tambem.

Do philosopho

A vós, que tendes mania
de mudar dia por dia
vossa camisa, por luxo,
por opulencia e riqueza;
(Que eu, nesta minha pobreza,
não invejo, nem contemplo)
A' vós, que a Parca desterra,
tal como o vulgo, da terra,
sem deixar dessa grandeza
pequeno, subtil indicio;
vós, que enfeitaes esse vicio,
quando o chamaes de limpeza...

Esta parte da poesia o *Philosopho*, do *Cancioneiro Popular*, é recitada logo após o verso — Que cheiro!!!... Que essencia vaga!!!...

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

A vós agora este exemplo
de constancia e de firmeza...
(em falar na economia,
que das derrotas nos salva)
— Prestae-me toda attenção !
Porque mudaes todo o dia
vossa camisa tão alva,
sem disso ter precisão ?

Olhae p'ra minha ! Era branca,
mais branca ainda que a tua,
mais branca que a branca lua !...
Mas a vaidade que mente,
que a probidade babuja,
sem motivo e sem razão,
dirá, na lingua demente,
que esta camisa está suja,
que é porcaria indecente,
vestil-a assim como a visto,
mais negra do que um carvão !
Mas o sabio que pondéra
dicterios da maldizencia,
vae caminhando na vida,
tendo a fronte sempre erguida,
que é seu guia a consciencia.

Tingem-se calças, colletes,
casacas velhas se tingem...
Senhoras, vossos vestidos,
n'um banho sendo mettidos,
por novos passam, se impingem.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Porque sómente a camisa,
de que a gente mais precisa,
não se póde então tingir?
Em gostos nunca disputo...
Não acho graça p'ra rir!

Ides ficar já calados:—
Quando vós estaes de lucto,
mas lucto todo fechado,
qual é a cor da camisa
que todos devais vestir?

Para que mais ninguem ria,
julgando a bolsa mesquinha,
direi que tingi a minha,
tendo em vista a economia,
sem gastar tempo ou dinheiro,
sem ir á tinturaria!...
Quem m'a tingiu foi o tempo,
que o tempo é bom tintureiro!

Mas isso tudo é passivel,
por não passar de chimera!
Porém a moda mais tôla,
o que a razão não tolera,
é ver-se a propria ceroula
perfumada em aguas finas
de nenhum valor real
porque vos digo e asseguro:
da minha o cheiro é mais puro!...
Só uso essencias traquinas,
perfume mais natural.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Historia de um casamento

Senhores meus, escutae-me,
calados, neste momento,
que eu vou contar-vos a minha
historia do casamento.

Faz hoje apenas um anno
que fui com ella casado !...
Mas vou parar, meus senhores !...
já me sinto encalistrado ! !

Tres horas depois de vel-a,
cahi na amarga esparrélla
de pedil-a em casamento
ao velho Honorio, pae della.

Pois ao chegarmos em casa,
praguejo do fado máo,
ao ver que a bruxa horrorosa,
trazia pernas de páo !

Passados cinco minutos,
no quarto estando fechada,
fiquei pasmado de vel-a
de todo descabellada !

Além de tantos defeitos,
pois tremo ao contar-vos isso,
trazia uns trapos no peito...
Pois tinha o peito postiço.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Até no dia seguinte
confesso que tive medo
ao ver que a bicha não tinha
nos tortos pes um só dedo!

comendo um dia cangica,
rachou-me um prato dourado,
porque cahiu-lhe da o. bita
um grande olho vidrado!

As pernas della, senhores,
não tinham nem a grossura
das pernas de uma gallinha,
ou mesmo da saracura.

Uns quatro dentes na bocca,
na bocca horrivel, immunda,
canhota, surda, pateta,
e além de tudo corcunda!

Por cima disso uma cousa
que supportar ninguem póde:
deitava a bruxa nojenta
tremendo fartum de bóde!

Comendo mais que um camelo,
bebendo mais que um cavallo,
o raio da velha horrenda
fedia mais do que um ralo!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

O seu nariz parecia
um rato enorme e bojudo!
Tinha cara de repolho
e queixo fino e cascudo.

Não tinha couro a cabeça!...
Vermelha como carmim!...
Orelhas... Cala-te, bocca!...
Eu nunca vi cousa assim.

E para emfim dar a nota
mais triste e mais infeliz,
direi que a velha megera
comia pelo nariz!

A canção do ermitão

A choupana que habito, ó querida,
é pequena,
mas é perto de um lago sereno,
e de um bosque que dá-lhe, florida,
sombra amena.

Muito cedo saúdam-me em festas
bellas flores!
Neste banco de pedra eu respiro
dos jasmins e das verdes giestas
os odores.

Imitação de Brizeux. Musica do proprio autor.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Quando o sol surge além no horisonte,
na campina
dissipando da neve os arminhos,
bebo d'agua da proxima fonte
chrystallina.

Mas se a luz em tristor desparece,
e, sombria,
geme a rola no colmo da choça,
dos meus labios se evola uma prece...
Morre o dia.

Neste pobre tugurio, em retiro,
passo a vida,
no colloquio das aves, das flores,
mas á noite teu nome suspiro,
Margarida!

No silencio da noite saudosa,
a scismar,
eu confio os profundos mysterios
de minh'alma, que fala queixosa
ao luar.

Quando eu leio no meu breviario
com fervor,
que de vezes teu nome não digo,
revelando a carpir, solitario,
minha dor!!!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Margarida, belleza sem par,
anjo amado,
quando fôres teu lar demandando,
vem um breve momento quedar
a meu lado.

Margarida! .. Silencio!!... Adormece,
coração!!!
Chóra o sino da ermida sagrada!
Ergue á Virgem Maria uma prece,
ermitão!

A uma criança morta

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Eu não venho dizer-te que tu dormes,
Pobre criança regelada, morta...
Nada meu fundo dissabor conforta
E as minhas maguas acalenta, enormes!...

Sei que partiste os élos da existencia,
Tendo nos labios um sorriso ainda;
Sei que rolaste, descuidosa e linda,
Na treva sepulcral da inconsciencia.

Esta poesia e todas as que se seguem, são colleccionadas pelo autor.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Morreste... Não ha céo, nem ha inferno,
Onde reviva teu perfil amigo:
— Nós já perdemos esse engano antigo
De um paraizo luminoso e eterno!

E sabes a que vim?! — Não para prantos,
Para lagrimas vans... Chorem a Morte
Os que não viram como sabe a sorte
Matar os nossos mais gentis encantos!

Vim para te pedir calor e vida.
A ti-gelida e morta e inanimada,
Porque, mais do que tu, em mim, cançada,
Sinto minh'alma fria e succumbida!

Nada lhe resta! A's pontas dos espinhos
Deixou rasgadas illusões formosas,
E seguio por derrotas tenebrosas,
Por escuros, por lôbregos caminhos...

Tem pois, criança, compaixão daquelle
Que hoje te inveja a tragica ventura
E a quem da vida na solidão escura
Nem uma simples illusão impelle!

Ouve: que vaes fazer no mar de sonhos
Que no teu cerebro infantil se agita,
Se em breve sobre ti — turba maldicta! —
Hão de os vermes pousar, negros, medonhos?

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Nas cellulas sem vida certamente,
De azas fechadas, como em vis clausuras,
Dormem, inda em botão, chimeras puras,
Da luz roubadas ao fulgor nitente.

Poupa-as do Verme á sórdida festança!
Nas minhas trilhas escalvadas, nuas,
Careço de illusões: — deixa-me as tuas!...
Venho pedir-t'as como nobre herança!

Musica do auctor deste livro.

O corcunda

Um dia que o corcunda
sahiu a passear,
as moças na janella
puzeram-se a mangar.

Um dia que o corcunda
botou sua luneta,
as moças pelas ruas
faziam-lhe careta.

Ha tempos o corcunda,
sahindo de collete,
as moças da janella
soltavam-lhe foguete.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

O pobre do corcunda
não póde usar bonnet,
que as moças logo o chamam
de velho jacaré.

N'areia faço a cova,
e nella após me deito,
mas nem por mil diabos
esta corcunda ageito.

Eu volto então p'ra casa,
corrido, envergonhado,
pois logo as moças gritam:
sáe fóra, cão damnado.

Se o pobre do corcunda
penteia o seu cabello,
as moças mais bonitas
lhe chamam de camello.

Ha dias o corcunda
sahindo encartolado,
levou medonha vaia
na rua, apedrejado.

Por causa de uma moça
levei terrivel tunda,
mas nem assim livrei-me
do raio da corcunda.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

De carregar tal trouxa
já vivo acabrunhado!
A peste da corcunda
parece o corcovado!

Seu peso me assassina,
me abate e me aniquila...
vou ver se algum soldado
me compra esta mochila.

Se vou n'algum pagóde,
mil moças logo eu acho
que a rir desta corcunda
me fazem seu capacho.

Ha dias a morena
por quem meu peito bate,
só por pedir-lhe um beijo,
chamou-me de mascate.

Até na propria cama
não posso a gosto estar,
a burra da corcunda
não deixa me virar.

ESTRIBILHO

Bem sei, sou corcunda,
mas tenho dinheiro,
por falta de moças
não morro solteiro.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Minha mãe

Tenho saudades do berço,
onde outr'ora me embalava,
e minha mãe carinhosa,
cantando, me acalentava!

Porém a sorte roubou-me
essa mãe terna e querida,
ficando triste e sosinho,
sosinho em meio da vida.

Minha mãe, já que tão cedo
foste no céo habitar,
de lá mesmo abençoai-me,
podeis de lá me guiar!

Pede a Deus omnipotente
que de ti me separou,
que eu tambem possa habitar
lá p'ra onde te levou.

Criei-me, porque foi sorte,
e vivo só por meu mal!
Que mais me resta no mundo,
sem a benção maternal?!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Nos dias dourados

Nos dias dourados, nos dias da infancia,
arfava meu peito não sei se de amor,
mas hoje que o sinto pulsar agitado,
presinto que aos poucos lhe foge o calor.

A voz de um archanjo morava em meu peito,
de amores por ella vivia a cantar,
seus olhos me davam coragem na vida,
seus labios ás vezes me vinham beijar.

Mas hoje que resta somente a lembrança
dos tempos felizes que outr'ora gosei,
meus olhos derramam torrentes de prantos,
e chóro sentido porque te adorei.

O ar que respiram teus labios carmineos,
quizera sosinho no mundo inspirar!
A vida que vives, os gosos que gosas,
os sonhos que sonhas quizera sonhar.

Querida Flora

Querida Flora, gentil donzella,
abre a janella, vem me escutar!
Vae alta a noite, vem ver a lua
como fluctúa beijando o mar.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Se estás me ouvindo, vem ter commigo,
pois só comtigo feliz serei!
Teu lindo collo, virgem formosa,
com mão lodosa não tocarei.

Ergue-te, ó virgem, do brando leito,
consola o peito do trovador!
Como palpita, como suspira,
como delira cheio de amor.

Vem ver a terra silenciosa,
como é saudosa vem ver agora!
A lua foge do céo no manto...
Ouve o meu canto, querida Flora!

Eu e tu

Tu és o astro que a luzir vigora,
eu sou corolla já pendida ao chão,
tu és a brisa que perpassa rindo,
eu sou infindo caminhante, em vão!

Tu és a estrella que no espaço brilha,
eu sou a ilha inhabitavel, erma,
tu és a fonte de sentido canto,
eu sou o pranto da rolinha enferma.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Tu és a deusa deste campo immenso,
eu sou incenso já queimado, extincto,
tu és o orvalho no qual Deus se banha,
eu sou a sanha do leão faminto.

Tu és a ondina que domina a vaga,
eu sou a plaga desnudada e turva,
tu és rainha no seu throno amigo,
eu sou mendigo que a teus pés se curva.

Não te esqueças de mim

Não te esqueças de mim, que nem sempre
o meu fado ha de ser triste assim,
não desprezes quem tanto te adora...
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Ai, que noite tão calma e tão bella
no teu bello e florido jardim!
Guardarei dentro d'alma a lembrança...
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Quando orares em teu sanctuario,
e beijares a cruz de marfim,
pelos sacros mysterios te peço:
não te esqueças, meu anjo, de mim.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Quando a rola gemer á tardinha,
quando o dia chegar a seu fim,
lembra o dia da triste partida...
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Morto embora, debaixo da terra,
no meu leito final, inda assim
guardarei de teu rosto a lembrança...
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

No silencio da noite sómente

No silencio da noite, sómente,
posso, livre, um gemido soltar,
que no meio das bulhas do dia
não me é dado um momento chorar!
Riam todos á vista do pranto,
não escutem, por Deus, minha dor,
não procurem saber porque soffro,
não indaguem quem foi meu amor.

É segredo que guardo em meu peito,
que sabel-o não ha de ninguem!
E' qual onda queixosa, gemendo
sobre as rochas cavadas de além.
E' segredo que n'alma conservo...
Breve á campa vou mudo descer!
Mas depois de findar a existencia,
meu segredo não pódem saber!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Deixem, pois, no silencio da louza
meu segredo p'ra sempre dormir,
esquecido do mundo e de todos,
desvendal-o ninguem ha de vir!
Não, não ha de!... Pois bem desgraçado
sou na terra por ser trovador!
Mas, que importa, se vão se apagando
meus gemidos, meus ais, minha dor?!

Vou partir

Vou partir, viver ausente,
vou viver longe de ti,
saudoso deixar os lares
onde feliz eu nasci...
onde os mais bellos encantos,
sorrindo, n'alma fruí.

Mulher, ó mulher querida,
vou partir, vem me abraçar,
eu quero com triste pranto
teu collo amante molhar!
Tu não sabes quanto é triste
eu de ti me separar!

Ai!... de lá, de lá, tão longe...
Nazareth, bella cidade,
hei de mandar-te um suspiro
nas azas desta amizade...
suspiro que diga as maguas
da minha triste saudade.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Mulher, mulher, um teu beijo
é qual bello talisman!
E' como um beijo sagrado
na face de cara irmã!...
Quando della me ausentei
era uma triste manhã!

Acorda, Desperta

Acorda, desperta,
e vem vêr a lua,
como ella é tão bella,
como ella fluctua!

Acorda, desperta,
levanta do leito,
vem ouvir a voz
que sae do meu peito.

Acorda, desperta,
descerra esta porta!
Teu rosto divino
meu peito conforta.

Acorda, desperta,
que a noite vae bella...
Levanta do leito
descerra a janella!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Acorda, desperta,
expõe ao sereno
teu collo formoso,
teu rosto moreno!

ESTRIBILHO

Amei-te em silencio...
Que noite tão bella!
Se dormes ainda,
desperta, ó donzella.

Nas aguas dormentes

Nas aguas dormentes do mar da existencia,
sonhamos aos raios do frio luar,
sonhamos e a mente se embebe na imagem
com quem nós podemos a gosto sonhar.

As brisas vêm cheias de aromas e beijos,
o mar descançado, repouza, descança!
As harpas de amores suspiram nos ares,
cantando saudades, amor, esperança!

Aos doces murmurios das ondas que choram,
que placidos sonhos, que musica e flores!
Nos peitos amantes, que brandos suspiram,
que banho de crenças, que sonhos de amores!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Deslisa a canôa e a voz do barqueiro
confunde-se aos roncos das ondas do mar!
Que orchestra divina! Que magos encantos!
As brisas que passam, suspiram—Amar!

A lua branqueia n'areia gelada
a praia é deserta! Que bello sonhar!
Amemos, que a vida deslisa entre flores,
sonhemos ao leve balanço do mar.

Vejo o céo adornado de estrellas

Vejo o céo adornado de estrellas,
vejo a terra semeada de flores,
vejo a aurora risonha e fagueira,
só não vejo, meu Deus, meus amores.

Hoje vivo sem ver meus encantos,
tenho n'alma desgosto profundo,
busco ver uma flor no deserto...
Tudo é triste p'ra mim neste mundo.

Não ha riso que enfeite meus labios,
nem prazer que em meu rosto se aponte,
não ha gôso perfeito na vida,
não ha magoa que o vento não conte...

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Que me importa que seja já tarde,
que no céo brilhe ainda o luar,
que não tenham perfumes as flores
e que as aves não queiram cantar?

Vejo o céo adornado de estrellas,
vejo a terra coberta de flores,
vejo tudo contente no mundo,
mas não vejo meus castos amores!

Seu Manduca

Seu Manduca, vá-se embora!
Janjão não tarda a chegar,
Janjão é homem de genio...
Não é bom facilitar.

Vá-se embora, seu Manduca,
não brinque, deixe de rir!
Já são quasi quatro horas...
O Janjão não tarda vir.

Seu Manduca, fique quieto,
amanhã temos mais dia!
Se Janjão o vir commigo,
aposto que desconfia.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Saia, tenha paciencia,
pois lhe quero muito bem!
Tome este beijo... São horas...
Olhe! Janjão ahi vem!!

Lá vem Janjão, seu Manduca!...
Agora como ha de ser!
Com mil diabos... depressa,
vá depressa se esconder!

O' meu Deus, que precipicio
para uma pobre mulher!
Se mando entrar, elle entra,
se mando sair, não quer!

Perdida estou! Deus, valei-me
nesta horrorosa afflicção!
Seu Manduca, corra a toda
se esconder lá no fogão.

Como a rolinha innocente

Como a rolinha innocente,
que vôa de aqui p'ra alli,
assim eu vago penando,
soffrendo porque te vi.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Essa que agora me odeia,
já me adorou, já me quiz!
Não sei porque me despreza!
Não sei que mal eu lhe fiz.

Um favor te peço, ingrata:
se fôres á igreja orar,
pela minha alma perdida
roga a Deus no santo altar.

Pede a Deus por quem te adora,
por quem só te amou na vida,
compaixão merece um pobre,
que descança na jazida.

As flores fenecem
do sol ao calor,
eu triste succumbo
com tanto rigor.

Quero ser pobre na minha terra

Quando a manhã, já vem despontando,
e o sol raiando lá no horisonte,
não vejo os olhos do meu thezouro,
nem ouço o chôro da terna fonte.

Aqui a lua não tem fulgores,
soluça em dores o coração!
Ai, quantas maguas sinto por ella,
saudosa e bella, rosa em botão!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Maguas eu sinto neste momento,
cruel tormento de amor tão santo!
Pois a saudade que sinto agora,
tudo devora no triste pranto.

Tanta vaidade, tanta riqueza,
venha a pobreza, mas junto della!
Quero ser pobre na minha terra,
viver na serra com a minha bella!

Tanta vaidade, tanta opulencia,
quero a indigencia, que é mais honrada...
Quero ser pobre no meu cantinho,
viver sósinho com a minha amada!

Sinto tristeza

Ai, eu sinto tristeza em meu peito,
que me quer a existencia findar!
Por amar uma virgem formosa
passo a vida constante a penar.

Compaixão eu te peço, ó ingrata,
pois que eu soffro e suspiro por ti!
Ouve um triste... Eu desejo falar-te,
não de amores, que a fé já perdi.

Se escutares dizer algum dia
que finou-se meu triste viver,
deixa ao menos correr uma lagrima
por quem tanto fizeste soffrer.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Vae depor uma rôxa saudade
junto áquelle que tanto te quiz,
escrevendo na pedra da campa:
Aqui jaz um amante infeliz.

Quero morrer

Quero morrer dormindo nos teus braços,
sentindo palpitar o peito teu,
n'um leito nupcial alabastrino,
coberto com cortinas côr do céo!

Quero morrer entre soluços ternos,
na crença de um amor que não findou,
sentindo dos teus olhos os languores,
o fogo divinal que me queimou!

Quero morrer, quero acabar a vida,
depois de um dia só te pertencer;
gosando os beijos teus que me embriagam,
quizera ter mil vidas p'ra morrer!

Quero morrer, quero findar as dores
quero emfim descançar da minha dor!
Quero morrer, cantando nos teus braços
um canto divinal de meu amor!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Não penses, ó virgem

Não penses, ó virgem, que o ouro me prende,
que o ouro me rende não creias, donzella!
Eu quero-te muito por seres bondosa,
por seres piedosa, por seres tão bella.

Eu prezo a virtude, prezando a belleza,
eu amo a pureza que em ti só diviso!
Detesto o teu ouro, porém por ti morro!
Vem dar-me soccorro, vem dar-me um sorriso.

Não negues, ó virgem, um riso a quem ama,
um riso que inflamma somente a pureza,
não negues, sê justa; bem sei que sou pobre,
mas meu peito é nobre de toda a riqueza.

Mas, ah! tu não penses, que o ouro me illude,
adoro a virtude que é pura e mais bella!
Eu amo os teus olhos, eu amo o teu riso!
Oh, dá-me um sorriso, formosa donzella.

O gondoleiro do amor

Teus olhos são negros, negros,
como as noites sem luar,
são ardentes, são profundos,
como o negrume do mar.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Sobre o berço dos amores,
da vida boiando á flor,
doiram teus olhos a fronte
do gondoleiro do amor.

Tua voz é a cavatina
dos palacios de Sorrento,
quando a praia beija a vaga,
quando a vaga beija o vento.

E como em noites de Italia,
ama um canto o pescador,
bebe a harmonia em teus cantos
o gondoleiro do amor.

Teu sorriso é uma aurora,
que o horisonte enrubesceu!
Rosa aberta com o biquinho
das aves rubras do céo.

Nas tempestades da vida,
das rajadas no furor,
foi-se a noite, tem auroras
o gondoleiro do amor!

Teu seio é vaga doirada
ao tibio clarão da lua,
que, ao murmurio das volupias,
arqueja, palpita núa.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Como é doce em pensamento,
de teu collo no langor,
vagar, naufragar, perder-se,
o gondoleiro do amor.

Teu amor na treva é um astro,
no silencio, uma canção,
é brisa nas calmarias,
é abrigo no tufão.

Por isso eu te amo, querida,
quer no prazer, quer na dor!...
Rosa! Canto! Sombra! Estrella
do gondoleiro do amor.

Eu quero amar-te

Eu quero amar-te, feiticeira imagem,
ó flor singela que me dás viver,
dá-me, meu anjo, dessa luz um raio...
Eu quero amar-te p'ra depois morrer.

Eu quero amar-te, scintillante estrella,
dentro em teu seio o puro amor sorver,
dá-me, meu anjo, dessa luz um raio...
Eu quero amar-te p'ra depois morrer.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Eu quero amar-te, já que a sorte austera
me vae matando no cruel soffrer!
A febre ardente me espedaça o peito!...
Eu quero amar-te p'ra depois morrer.

Eu quero amar-te, muito embora um dia
suffoque em prantos meu cruel viver!
Eu quero a vida terminar em breve...
Eu quero amar-te p'ra depois morrer.

Ultima vontade

Senhores!... Nada de graças,
nem quero ouvir mais dicterios,
que vou tratar neste instante
de negocios muito sérios.

Todas as moças bonitas,
no dia em que eu fallecer,
hão de passar sete dias
rezando, mas sem comer.

Pois a morte de um bilontra,
que causará grande magua,
pede um jejum rigoroso,
ao menos de pão e agua.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Quarenta feias matronas,
com respeito e com decencia,
abrirão alas na frente,
fazendo-me continencia.

O mesmo numero dellas,
formando ao lado um piquete,
de cinco em cinco minutos,
irão soltando foguete.

Seis moças, quero mulatas,
tres magras e tres gorduchas,
irão dançando na frente
walsas, polkas e cachuchas.

Vinte devotas, em côro,
com sentimento e com fé,
irão no meio da rua
rezando um libera-me.

Sete creoulas, bem pretas,
e uns molecotes matreiros,
n'um vozear diabolico
irão tocando pandeiros.

Um chim, bem velho e bem secco,
no seu trajar exquesito,
irá do lado direito
comendo arroz com palito.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Dezoito velhas gaiteiras,
mais gordas do que uma paca,
devem seguir na calçada,
tocando bombo e matraca.

Do lado esquerdo da rua
uma velhota, velhinha,
irá, em voz muito baixa,
rezando a *Salve Rainha*.

Dous carcamanos peixeiros,
chorando, de pé no chão,
devem ir na retaguarda
entoando um cantochão.

Um turco todo de preto,
e uma joven turquita,
irão perguntando a todos
se querem *coisa bonita*.

Um portuguez dos mais sérios,
baixo, gordo e bem pançudo,
irá do lado, bem sério,
soprando em grande canudo.

Quatro ciganos vestidos
de comprido casacão,
pegarão nas quatro argolas
de meu modesto caixão.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Eu quero achar-me sem botas,
só de fralda de camisa,
porque defunto que é pobre,
de luxo nunca precisa.

Quero levar uma palma,
qual se fosse uma donzella,
por uma moça offertada,
moça chic, e muito bella.

Quero que levem meu corpo
de vagar e sem abalos,
que não se escute dos sinos
os repiques dos badalos.

Quero mais que o meu caixão
vá de todo escancarado,
para assim poder ser visto
do bello sexo amado.

Um pobre velho mendigo,
baixinho, gordo e careca,
irá na frente do *terno*,
tocando em sua rabeca.

Uns cem pandegos cantando,
n'um chôro de violão,
irão n'um porre medonho,
bebendo n'um garrafão.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Violas, flautins, rabecas,
de cordas soberbos ternos,
farão medonha balburdia
de ensurdecer os infernos.

Desejo ainda uma cousa:—
que a fórma do meu caixão
seja a fórma exactamente
de um immenso violão.

Assim, pois, quando meu corpo
fôr chegando ao cemiterio,
deve crescer a balburdia,
mais ninguem ficando sério.

Ao descer á sepultura
eis o meu maïor desejo—
a moça mais bella e joven
me dará na face um beijo.

O mais canalha do bando,
com phraseado bem crú,
ao som dos pinhos nocturnos
ha de cantar-me um lundú.

Logo após toda a baderna
as suas gambias espiche,
dançando em cima da cóva
um requebrado *maxixe*.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

E quando as mãos do coveiro
d'todos emfim me escondam,
soltem uma gargalhada
que os echos todos respondam.

Revistos, melhorados e accrescentados pelo autor deste livro.

Não fui culpado

Se eu te vi, não fui culpado!
Porque me culpas assim?
Se por te amar me desprezas,
ai, não te esqueças de mim!

E's tão meiga e seductora,
tens da belleza o condão,
pois já te dei desde muito
alma e vida e coração.

Culpa tem tua belleza,
se, por ventura, eu pequei!
Vi-te, e logo torturado,
n'um mar de prantos fiquei.

Quando me olhaste, sorrindo,
minh'alma te obedeceu,
e o teu sorriso divino
minh'alma inteira prendeu.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Meu pobre peito suspira,
por teu desprezo esmagado!
Culpa tens por seres bella...
Que eu não sou, não fui culpado.

Quem formosa...

Quem, formosa, na sala do baile,
entre as bellas seduz por mais bella?
Quem será essa deusa de encantos,
quem será essa linda donzella?

Que mortal haverá, que, olvidando-a,
não suspire, não morra de amores?
Symbolisa na terra a belleza,
é rainha, inda mesmo entre as flores.

E' a rosa, que, ainda em botão,
vae abrindo a corolla em perfil,
é a branca e mimosa açucena,
retratada em um lago de anil.

E' o lirio gentil das campinas,
pelo sopro do vento emballado!...
E' a lua engastada em saphiras,
ou um anjo em mulher transformado?

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Seja um anjo, ou mulher, será d'ella
tudo quanto a minh'alma contem!
Ai, se os anjos a vissem, de certo,
se estremavam por ella tambem!

Eu tinha minha senhora

Eu tinha minha senhora...
Quem era ella? Quem era ella?
Eu era d'ella, só d'ella!...
De Raphaela! de Raphaela!

Dos filhos de minha mãe
fui eu, de certo, o mais infeliz!
Eu nasci n'uma macega,
como filho de perdiz.

Mas ditoso fui outr'ora,
gosei com ella, gosei com ella!
Eu era d'ella, só d'ella!...
De Raphaela, de Raphaela!

Sou pobre, não tenho nada!
Eu fui, de certo, bem infeliz!
Eu nasci n'uma macega,
sou qual filho de perdiz!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Rica morena,
mimosa flor,
por Deus tem pena,
do trovador!

Dá-me um abraço,
nesta afflicção
que forme um laço
no coração!

Tanto penar,
tanto soffrer!
Amor me mata!
Quero morrer!

Amo-te ver de joelhos

Amo-te ver de joelhos,
com os olhos fitos na cruz,
como dous pingos de estrellas,
ou duas gottas de luz.

Teus olhos me dizem: Ama!
Meu peito cança de amar!
Ai! de teus olhos a chamma
deixa em minha alma pouzar.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Amo-te ver abatida,
de vez em quando a scismar!...
Tu és mais linda, mais bella,
quando eu te vejo a chorar.

Eu sou como o passarinho
já cançado de voar!
Ai! De teu seio no ninho
deixa minh'alma pouzar.

Amo-te ver ao piano,
mimosa e bella a sorrir,
vertendo o mel das volupias,
que o labio teu vêm tingir.

Então pareces um anjo
no teclado a suspirar!
Deixa em teu seio de rosas
minh'alma triste pouzar.

O grande progresso

Espanta o grande progresso
desta nossa Capital!
Decresce o bem, eu confesso,
mas vae augmentando o mal!
A carestia se espalha,
de grande já não tem nome!
O pobre morre de fome,
e morre, porque trabalha.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Em ricos carros o rico corre,
o pobre morre sem que comer!
Quantos martyrios para a pobreza!
Rindo-se della, folga a riqueza!
Mortal que vive do seu trabalho,
não acha um canto para agasalho!
Sobem os preços dos alugueis!...
Custa um biombo trinta mil réis.

Andam mendigos nas ruas,
ha ladrões por toda a parte!
As nossas casas são núas!
Reinam faca e bacamarte!
Os cidadãos ratoneiros,
só por quererem, não mais,
invadem nossos poleiros,
pulando os nossos quintaes!...

Pois tudo rapam de um modo extranho!
Pretos do ganho são atacados,
e após roubados por um ladrão,
indo além disso p'ra Correcção!
Mas um malandro que nos amola
vive nas ruas pedindo esmola!
Sobem os preços dos alugueis!...
Custa um chiqueiro trinta mil réis.

A carne secca se assusta...
Dia a dia vae crescendo!...
O monopolista á custa
dos pobres se vae enchendo!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

A carne verde fedendo!
Nas ruas leite com agua!
Até faz fome e faz magua
o pão que vamos roendo!

Pinto gosmento por dous mil reis!
Feijão bichento vale por ouro!
Toucinho em couro, já bem tocado...
com milho podre café torrado!
Assucar velho, cheio de bicho,
farinha grossa trazendo lixo!
Alho e cebola, já com bolor,
banana mole, vinho sem cor!..

Azeite preto, cachaça aguada,
mofo vendido por goiabada,
pimenta podre, toda movida,
carne salgada já bem *sentida*,
quatro maxixes um *nicoldo*,
cara de velha por bacalhão,
sabão já podre, sem ser barato,
queijo seboso, fedendo a rato...
tudo se vende por um *ceitil*!...
Viva o progresso! Viva o Brazil!

Viva quem viva!
Viva o progresso!
Viva a nação!
Viva o Congresso!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Sinhá, não peça dinheiro,
que eu não tenho p'ra lhe dar!
Já não fia o taverneiro!...
Já ninguem me quer fiar.

Revista e accrescentada pelo autor do livro.

A flor de meus cultos

A flor de meus cultos,
a rosa que ha pouco,
tão cheia de encantos
se via ostentar,
de chofre o tufão
levou-a nas azas,
as pet'las voaram,
dispersas no ar!

Que flor é aquella
que, triste e pendida,
o crepe do lucto
parece vestir?
E' rôxa saudade
que, ausente da rosa,
commigo chorosa
parece sentir!

Vem, flor de minh'alma,
unir-te ao meu seio,
pois quero comtigo
meu pranto verter!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

O meu coração
partido suspira !
Comtigo meu peito
quer triste gemer.

Se eu morresse amanhã

Se eu morresse amanhã, viria, ao menos,
fechar meus olhos minha triste irmã !
Minha mãe de saudades morreria,
se eu morresse amanhã.

Quanta gloria presinto em meu futuro,
que aurora de porvir, e que manhã !
Eu perdera chorando essas corôas,
se eu morresse amanhã !

Que sol ! Que céu azul ! Que doce n'alva !
acorda a natureza mais louçã !
Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã !

Mas essa dor da vida, que devóra
a ancia da gloria, o dolorido afan. .
a dor no peito emudecera, ao menos,
Se eu morresse amanhã.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Já não posso

Já não posso existir, soffrendo tanto,
minha dor cresce mais, é dor sem fim!
Culpa tem essa ingrata, a quem adoro,
mas que a taça do fel só tem p'ra mim.

Não te peço soccorro!... Vou vivendo
sem queixar-me da sorte negra, escura,
mas tirar-te da mente já não posso!
Inda não me sumi na sepultura.

Se me vires passar tristonho e pobre,
não me atires o riso por vingança!
Tu não pódes me amar! E's d'outro agora,
mas eu quero te amar sem esperança.

Já não posso viver, eu soffro tanto!...
Minha dor cresce mais, já não tem fim!
Vou viver bem distante dessa ingrata,
que não tem compaixão de ver-me assim...

Eu chóro á tarde

Eu chóro á tarde, quando a voz do sino
entôa um hymno de funerea dor,
e quando á noite, no pallor da lua,
a fronte tua vem falar de amor.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Eu chóro a sorte que me foi tão dura!
Tive a ventura de beijar-te a face!
Ai, se eu te visse como via outr'ora,
de dor agora talvez não chorasse.

Eu chóro á noite, quando, triste, penso
no amor immenso que te consagrei!
Fugir quizera destas maguas frias...
Voltar aos dias que, feliz, passei.

Mulher, eu soffro por amar-te tanto!
Não cessa o pranto que me escalda a fronte!
Deixa, eu te peço, te adorar descrente,
na chamma ardente de um amor insonte.

Teu orgulho

Teu orgulho em má hora quiz vencer-me,
eu te amei como a virgem de meus sonhos,
muito amor puro e terno consagrei-te
nesses dias felizes e risonhos!

Não te lembras das juras que fizeste,
pelas cinzas de quem tanto te amou?
Teus caprichos, mulher, foram cumpridos,
mas minh'alma por fim já se cançou.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Têm teus olhos o fogo que fascina,
os teus labios me pódem dominar,
teu orgulho me fere o pobre peito,
mas não posso deixar de te adorar.

ESTRIBILHO

Já gosei dias felizes,
sem o teu amor cruel,
minha vida era ditosa,
não tragava amargo fel.

Só tu não pensas em mim

A brisa passa beijando
as flores do teu jardim!
As flores pensam nas brisas...
Só tu não pensas em mim.

A lua, em noite saudosa,
até chegar a seu fim,
vae dando beijos nas ondas...
Só tu não pensas em mim.

O vento beija a floresta
e a matta responde: oh, sim!
As ondas beijam a praia...
Só tu não pensas em mim.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

O preguiçoso regato.
chorando vae, mesmo assim,
beijar as flores do prado...
Só tu não pensas em mim.

A borboleta mimosa
namóra o branco jasmim...
A flor suspira por ella...
Só tu não pensas em mim.

O fresco orvalho da noite
rocia o verde capim!
A terra toda é saudade!...
Só tu não pensas em mim.

Em horas mortas da noite

Em horas mortas da noite,
em moitas de horrivel matta,
gemia um triste
infeliz bardo
por uma vil
mulher ingrata!

Com os olhos fitos para o céo,
pedia só conforto a Deus!...
Que lhe mudasse a triste sina,
ou terminasse os dias seus!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Tu não sabes quem era este bardo
que chorava os tormentos da sorte,
véo da infamia cobrindo-lhe o rosto,
solitario, a chamar pela morte?
Era eu! Era eu!
Era eu! Era eu!

Mas, não!!... Zombando do mundo,
fundo abysmo da ventura,
com brandura hei de vingar-me,
deslembrar-me da perjura!

De mim não temas, ó fementida!
Por um bandido foste illudida!
Emquanto a lyra me fôr fiel,
será só della minha affeição,
pois neste mundo tenho soffrido
maguas eternas no coração.

Os olhos verdes

Eu conheço uns lindos olhos,
que fazem morrer de amor!
Têm a verde e linda cor,
Que tem o mar em bonança.
Ai de mim, que nesses olhos
Hei posto minha esperança!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

São brilhantes e formosos,
como dous astros sem véo,
a sorrir em puro céo
em noite serena e mansa.
Mas nesses astros brilhantes
não vejo luz de esperança.

Já não creio em olhos verdes!
Olhos verdes são traidores!
São fanaes enganadores!
Não me inspiram confiança;
Sabem só matar de amores
sem nunca dar esperança

Antes nunca eu visse os olhos,
que fazem morrer de amor,
e que tem a linda cor
que tem o mar em bonança!
Ai de mim que nesses olhos
não tenho mais esperança.

Tu és um anjo

Tu és um anjo, uma visão celeste,
és uma deusa divinal, sem par,
eu sou proscripto desprezado e pobre
louco e perdido por querer-te amar.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Bem sei que é triste este viver penado
do peregrino, que padece só!
Teu peito ingrato, teu rigor me matam,
não tens do pobre compaixão nem dó.

Eu vi-te um dia seductora e bella,
morri de amores, de paixão morri!
Hoje maldigo esse momento, ó bella,
fatal momento em que te conheci.

Tu és a deusa que sonhei na infancia,
tu és um anjo que me anima a vida,
tu és o orvalho que me banha o peito...
Dá-me, eu te peço teu amor, querida.

Se durmo, sonho comtigo,
comtigo acordo na mente!
Meu pobre peito suspira
pela paixão mais ardente.

Eu amei-te com todo o fervor

Eu amei-te com todo o fervor,
eu amei-te inda mais que podia,
mas teu peito, ó mulher, me trahia
nas promessas mentidas de amor.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Vae-te, mulher, orgulhosa
dessa tua formosura!
Os desprezos são lembrados...
Nem sempre a belleza dura!...

Se teus desprezos têm força,
meu amor tem mais poder,
que um amor tão verdadeiro
nunca mais póde esquecer.

Se tu me foste perjura,
hei de sempre te querer,
que um amor tão verdadeiro
será firme até morrer!

Quiz debalde varrer-te da memoria

Quiz debalde varrer-te da memoria,
e teu nome arrancar do coração!
Amo muito!... oh, que martyrio infindo...
Tem a força da morte esta paixão.

Eu sentia-me atado ao teu prestigio
por grilhões poderosos e fataes!
Nem me vias, sequer... te amava sempre!
Motejavas de mim... te amava mais!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Não me vias chorar! Os prantos d'alma
só confiam-se á dor e a solidão!
Tu me vias passar calmo e tranquillo,
tendo a morte a gelar-me o coração.

Soffri muito por ti; nas minhas trevas,
nem um raio de amor deste, siquer!
Tu sorrias feliz quando eu chorava,
e eu chorava por te amar, mulher!

Quantas luctas travei com o sentimento,
quantas vezes corei da minha dor!
Quiz até te odiar... te amava sempre!
Charqueavas de mim, do meu amor.

Não consigo varrer-te da memoria,
nem teu nome arrancar do coração!
Amo-te muito! ai, que martyrio infindo!
Tem a força da morte esta paixão.

Ciumes

Por outros labios passado
teu nome não posso ouvir,
de tudo tenho ciumes,
até de ver-te sorrir.
Desconfiava das flores,
se a teus pés as visse abrir!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Aborreço os olhos todos,
que vão teu rosto mirar,
aborreço a mansa brisa,
que vae teus labios beijar!
Se é loucura ter ciumes,
eu louco sou por te amar.

Não me volvas esses olhos
que me fazem delirar...
Tenho medo de mim mesmo...
Tenho medo desse olhar!
Não me tires estas settas,
se não me queres matar.

Quando o dia já desmaia

Quando o dia já desmaia,
e a noite estende o seu véo,
eu vou mirar teu retrato
na lua que aclara o céo!
Eu vou mirar teu retrato
na lua que aclara o céo!

Na hora da meia-noite,
quando a saudade consome,
aos ventos frios que passam
eu vou falar de teu nome...
Aos ventos frios que passam
eu vou falar de teu nome!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

E nesta lucta incessante,
e nesta dura afflicção,
Só meus suspiros traduzem
segredos do coração!
Ai, meus suspiros revelam
segredos do coração.

Flor do ipê

DR. LUCIO DE MENDONÇA

Na clara estação gorgeada,
em flor o ipê se desata!
O' bella arvore dourada,
ó loura filha da matta!
O tronco, o pae, se revê,
todo ufano, todo zelos,
nesses teus aureos caballos,
que o sol beija, ó flor do ipê.

As abelhas, joias vivas,
adereçan-te o toucado,
diz-te phrazes expressivas
o sabiá namorado,
de ramo em ramo, o tiê
cae, como gotta de sangue,
e a coral se enrosca langue
nos teus braços, flor do ipê.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Mas, ai, tanta formosura,
tão festejada e querida,
pouco tempo vive e dura...
logo cae a flor sem vida,
e sombrio e nú se vê,
mudo, tragico, isolado,
como um pae desamparado,
o velho tronco do ipê.

Na alegre quadra encantada
dos sonhos e da esperança,
vestiu-te a illusão dourada
o coração de creança!...
Surgiu-te, não sei porque,
ante os passos peregrinos,
creança de olhos divinos,
loira, como a flor do ipê!

Sonhos de que te cobriste,
coração em primavera,
cahiram todos, ai triste!...
Quanta dourada chimera!
Eis-te da sorte á mercê,
já sem viço, já sem flores!...
Aquelles pobres amores
foram como a flor do ipê!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Esta polka

Esta polka é um dente de velha,
é sapato de barro, vulcão,
caranguejo pasmado na grelha,
feijoada a ferver no fogão.

Gato preto pegando uma rata,
cão leproso, latindo na rua,
Dulcinéa matando uma pata,
Don Quixote montado na lua.

Perna fina de moça da moda,
Velho abbade montado n'um bode,
um menino berrando na *Roda*,
carurú a dançar em pagode.

Murundanga de preto d'Angola,
barafunda de coisas fataes,
bambinellas pendentes d'argola,
babuzeiras de um asno sagaz.

Esta polka parece a zoada
das baratas em noite de chuva,
da menina que pede torrada,
choromingas de velha viuva.

E' macaco barbudo, gritando
por alguem machucar-lhe no rabo,
é gallinha já velha chocando...
Esta polka parece o diabo!...

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

E' zabumba rachado tocando,
é cometa nas mãos de vadios,
é nos ares um homem voando,
é moleque soltando assobios.

Sapateiro sovando na sóla,
rato magro pescando em canôa,
um mendigo mostrando a sacola,
quitandeira a gritar: la vae brôa.

E' gambá se affogando em cachaça,
sapo podre cantando ao piano,
é jacuba tomada em cabaça,
é ceroula de algum carcamano...

Esta polka é um ovo de gallo,
percevejo mordendo no pé,
finalmente esta polka é um ralo,
é um velho fedendo a chulé.

E' cachimbo de preto com sarro,
é aquillo que em casa não fica,
é penico rachado e de barro,
é creança cheirando a titica!

Esta polka é telhado sem telha,
é p'ra tudo ficar concluido,
esta polka é um traque de velha,
quando sae com medonho estampido.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

As horas que passo

Ai, longe de ti
não posso viver!
Morena, é bem triste
meu negro soffrer!

Se negro não fosse
meu lento pezar,
quizera ditoso
soffrer e te amar!

Se é crime adorar-te,
sem ter esperança,
de que serve a vida,
mimosa creança?!

A' noite, tristonho,
gemendo cançado,
profiro o teu nome
no peito guardado!

ESTRIBILHO

As horas que passo
tristonhas na vida
são por tua ausencia,
morena querida!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Em que pensas nesta hora

Em que pensas nesta hora,
ai, responde, minha amada!
Se acaso pensas na vida,
quem te fez tão desgraçada?

Eu não penso neste instante
em quem me fez pezarosa,
só penso na triste morte
de minha mãe carinhosa!

Deixa lá que ella descance
no calado cemiterio!
E' grande segredo a morte
Ninguem sabe esse mysterio!

Vae-te embora, não me venhas
a minh'alma entristecer,
que de minha mãe querida
nunca mais hei de esquecer.

Não augmentes meus suspiros,
não, não venhas me lembrar
essa prenda abençoada,
por quem sempre hei de chorar!

Não augmentes meus gemidos,
deixa est'alma pezarosa,
porque eu choro a triste morte
de minha mãe carinhosa.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Ave Maria

A tarde expira,
triste agonisa!...
Perpassa a brisa,
maguando a flor!
Um genio errante
nas auras chóra!...
Bemdicta a hora
de mais tristor!!

Vamos, minh'alma,
que a luz fenece,
do mundo esquece,
que te angustia!
Accende a crença
que a dor agita,
dize, contricta:
Ave Maria!!!

Solfeja o mocho,
feral, sombrio,
gemente pio
que o morto acoite!
Nos solitarios,
ermos caminhos,
palpitam ninhos,
saudando a noite...

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Na choça o pobre,
que a dor desola,
deixa a viola,
que Amor tangia,
curva os joelhos,
no chão prostrado,
e diz, maguado:
Ave Maria!!!

As aves fogem,
buscando abrigo
no seio amigo
da soledade!
A fonte chóra,
contando as flores
todas as dores
de uma saudade!

Ouvindo o sino,
que a luz pranteia,
na pobre aldeia,
que lhe sorria,
a camponeza,
d'alma innocente,
diz, pura e crente:
Ave Maria!!!

Nossos queixumes,
nossos tormentos,
nossos lamentos
vinde abrandar!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Ai, quantas preces
de ima, tristeza
da natureza
no sacro altar!

Quanta amargura,
quanto quebranto
chóra n'um pranto,
correndo a sós!
Alma que soffres,
tem fé ... Confia!...
Ave Maria!!!
Rogae por nós!!

A morte de uma casaca

(A MEU BOM AMIGO I...)

Morreste, emfim, velha amiga,
tão cedo, na flor da edade!
Eis-me sem ti, desolado,
nesta medonha orphandade!

No dia em que completaste
teus cento e trinta janeiros,
á noite foste levada
pelos nocturnos coveiros!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Que pranto em casa! As crianças
não te queriam deixar!
Eu, sobre ti soluçando,
sem poder me consolar!

Pela fresta da janella,
nessa noite malfadada,
que dor ao ver-te na rua
hirta, fria, inanimada!

Esperava a todo o instante
esse momento infeliz
em que serias levada
pelos maldictos *garys!*

Passava um ebrio cantando '...
A lua, em céo estrellado,
projectava os niveos raios
sobre um corpo esverdeado!

Pouco depois teus verdugos,
sem dó, sem magua, sem mossa,
te jogaram brutalmente
dentro de immunda carroça!

Ai, que dor que dor profunda
minh'alma queima e devora!
O pranto corria em bagas,
como corre ainda agora!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Gritei por ti, gritei muito,
pois queria te enterrar,
mas tive um longo desmaio!
Não te pude acompanhar.

A tua neta, que ha tempos
em certo pagode eu vi,
por não te ver veio logo
saber noticias de ti!

Recebendo a triste nova,
chorou que fazia dó!
Queira Deus que ella resista
á perda de sua avó!

Podias viver ainda,
nedia, gorda e bem sadia,
se não fosse o desespero,
da tua gastronomia!

A tua molestia verde,
amarella, azul, escura,
em duchas de pau campeche
podia encontrar a cura.

Agora é tarde! Morreste,
preciosa maravilha,
mas, como lembrança eterna,
me deixaste a tua filha!

Já não é muito mocinha,
nem é mais *virgem*, bem sei,
mas ha de achar-se commigo,
como eu comtigo me achei.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Bôa, meiga, terna amante,
mais sensata e precavida,
como a tunica de Nessus,
me seguirá toda a vida...

Esta poesia e a antecedente — Ave Maria — são producções do auctor deste livro. A primeira deve ser cantada com a musica da poesia de Varella, que tem o mesmo titulo.

Resposta ao Talento e Formosura

Tu pódes bem guardar os dons da formosura,
que o tempo um dia ha de, implacavel, trucidar, etc. (*)

CATULLO CEARENSE.

1ª PARTE

O dom mais bello e o mais sublime da Harmonia,
que é lá dos céos a mais olente emanação;
a fonte pura e mais sonora da Poesia;
o dom mais casto e de suprema inspiração;
o dom mais nobre, o mais sublime o mais vehemente
o mais pujante, o mais fatal, celipotente,
o mais feliz, de mais candura
e de mais resplendor,
é a Formozura,
o dom mais raro do Senhor!

(*) A modinha — *Talento e Formozura* — que deu motivo a esta resposta, está no meu livro — *Lyra dos Salões*.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

2.ª PARTE

Que importa, ó bardo, a força audaz
da intelligencia
se a existencia
cá na terra é transitoria?
Que importa a gloria,
que a marmorea
pedra faz morrer,
se cá na terra tudo tem
de fenecer?!

1.ª PARTE

O rouxinol, cantor plumoso, alma repleta
de sãos gorgeios, que não sabes imitar,
da Natureza e do Ideal é o poeta,
que sabe os versos com o biquinho burilar,
com seu cantar formoso, meigo e peregrino,
não tem o dom, o dom da plastica divino!...
Eis a razão por que o primor que a terra
encerra,
aqui,
não é poeta, mas é bello...
é o colibri!...

VOLTE á 2.ª PARTE

O que seria de uma flor sem a belleza,
que a Natureza
quiz lhe dar com o sentimento?
Que importa á flor a eternidade
do talento,
se as auras vêm lhe segredar
canções de amor?!

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

1.ª PARTE

Que importa a gloria ? Meu dominio inda é mais forte !
Emquanto bella, os corações hei de render ! !
Que importa a mim o que se diz depois da morte,
se o morto a gloria já não póde comprehender ?
Na sepultura
gosa a posthuma ventura !
E que não falem mais na minha formozura !
Que importa, ó bardo,
a tua gloria e a tua presumpção,
quando dormirmos somno eterno
em frio chão ? !

3.ª PARTE

O flammeo sol o collo azul
da madrugada a ensanguentar,
de estrellas o collar
que Deus nos céos faz derramar ;
dourado effluvio de uma flor
emperolada,
em que o luar
endeixas vem, saudoso, opalinar ;
o suspirar
de um trovador,
que são as pétalas da dôr ;
na eburnea areia o mar
os ais de amor
a rendilhar...
não valem nunca a Formozura,
a reflexão dos céos,
a mais donosa inspiração
da luz de Deus !

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

1.ª PARTE

Os cantos teus das almas tristas são confort›,
d›lente orvalho de feral consolação ! !
Mas, se cantarem versos teus, quando já morto,
nojento vérme profanar-te o coração,
não é por ti, que em tua lyra
és meigo e dextro,
não é somente para as glorias
do teu estro,
mas pela Formozura,
a fonte
de teus pobres
ais,
que fez teus cantos
e teus versos
immortaes ! !

Mais uma vez repito ao leitor: poesia para canto não obedece á Metrica.

A casinha Bonitinha

1

Não te lembras da casinha,
Bonitinha,
Onde o nosso amor nasceu !
Tinha um coqueiro do lado,
Que coitado,
De saudade já morreu.

2

Não te lembras oh ! morena
Da pequena

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Casinha onde te vi,
Daquella enorme mangueira,
Altaneira,
Onde cantava o bem-te-vi !

3.

Não te lembras do cantar,
Do trinar
Do mimoso rouxinol;
Que contente assim cantava
Annunciava
O nascer do flameo Sol.

4

Não te lembras das juras,
E perjuras,
Que fizestes com fervor;
D'aquelle beijo demorado
Prolongado
Que sellou o nosso amor !

FIM

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

INDICE

Retrato do autor	Pag.	5
Dedicatoria	»	7
Prefacio	»	9
A flauta	»	17
Não me lembro agora	»	19
Bem me lembro agora	»	22
Volta	»	24
Quero-te bem, porque quero	»	27
Saudades do passado	»	29
Vem ver como a noite tão calma deslisa	»	31
Nunca mais morena ingrata	»	32
Ai ! que tempo ditoso	»	32
Lyra em punho	»	33
Eu vou deixar-te, vou soffrer a vida	»	35
Os teus olhos peregrinos	»	36
O amor e o desgosto	»	37
Carta original	»	39
Quem te fez tão bella e pura ?	»	42
Consente agora	»	44
Só assim serei feliz	»	47
O demonio moreno	»	50
O jardineiro	»	55
A casaca maravilhosa	»	56
O boiadeiro	»	60
Não te esqueças de mim que te amo tanto	»	62
Como tu ficas dengosa	»	63
Eu amo certa mulata	»	64
O philosopho	»	66
Historia de um casamento	»	69
A canção do ermitão	»	71
A uma criança morta	»	73
O corcunda	»	75
Minha mãe	»	78
Nos dias dourados	»	79
Querida Flora, gentil donzella	»	79
Eu e tu	»	80
Não te esqueças de mim	»	81
No silencio da noite, sómente	»	82

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Vou partir, viver ausente	Pag.	83
Acorda, desperta	»	84
Nas aguas dormentes do mar da existencia	»	85
Vejo o céo adornado de estrellas	»	86
Seu Manduca, vá-se embora	»	87
Como a rolinha innocente	»	88
Quero ser pobre na minha terra	»	89
Sinto tristeza	»	90
Quero morrer dormindo nos teus braços	»	91
Não penses, ó virgem	»	92
Teus olhos são negros, negros, como as noites sem luar	»	93
Eu quero amar-te feiticeira imagem	»	94
Ultima vontade	»	95
Não fui culpado	»	100
Quem, formosa, na sala do baile	»	101
Eu tinha minha senhora	»	102
Amo-te vêr de joelhos, com os olhos fitos na cruz	»	103
Espanta o grande progresso	»	104
A flor de meus cultos	»	107
Se eu morresse amanhã	»	108
Já não posso existir	»	109
Eu chóro á tarde	»	109
Teu orgulho em má hora quiz vencer-me	»	110
Só tu não pensas em mim	»	111
Em horas mortas da noite	»	112
Os olhos verdes	»	113
Tu és um anjo	»	114
Eu amei-te com todo o fervor	»	115
Quiz debalde varrer-te da memoria	»	116
Ciumes	»	117
Quando o dia já desmaia	»	118
Flor do ipê	»	119
Esta polka, é um dente de velha	»	121
Ai, longe de ti não posso viver	»	123
Em que pensas nesta hora	»	124
Ave Maria	»	125
A morte de uma casaca	»	127
Talento e Formozura (Resposta)	»	131
A casinha Bonitinha	»	133

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF WISCONSIN

CATULLO CEARENSE

TODAS AS MODINHAS, CANTIGAS, CANÇÕES, FADOS, ETC.

Em 6 volumes . . . . . 13$000

Cancioneiro Popular de Modinhas Brasileiras, um grosso volume . . . . . 3$000
Novos Cantares, um grosso volume . . . 2$000
Lyra dos Salões, um grosso volume . . . 3$000
Lyra Brasileira, um grosso volume . . . 1$000
Trovas e Canções, um grosso volume . . 2$000
Florilegio dos Cantores . . . . . , 2$000

13$000

N'estes seis volumes estão reunidas todas as modinhas, cantigas, canções, fados, etc., do Sr. Catullo da Paixão Cearense, modinhas que se ouvem cantar nos salões familiares, em reuniões festivas, em concertos, em festas collegiaes, etc.

Todas as modinhas trazem a indicação da musica com que devem ser cantadas.

AVISO

A LIVRARIA QUARESMA remette para o interior, com a maxima bravidade possivel e livre de despezas com o Correio, estes seis volumes, bastando, tão sómente, enviar a sua importancia (13$000 em dinheiro, não se acceitam sellos), em CARTA REGISTRADA COM O VALOR DECLARADO e dirigida á **LIVRARIA QUARESMA,** rua de S. José, ns. 71 e 73 — RIO DE JANEIRO.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Digitized by Google
Original from
UNIVERSITY OF WISCONSIN

b89099018368a

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

Digitized by Google
Original from UNIVERSITY OF WISCONSIN

89099018368

B89099018368A

Digitized by Google

Original from
UNIVERSITY OF WISCONSIN